

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número: **260**

Mês: Outubro

Ano: 2020

Preço: R\$ 5,00



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

UNICARIOCA
Centro Universitário

30 anos de uma educação de sucesso

O ano era 1990. Em um pequeno prédio de Botafogo, bairro da zona sul do Rio, por iniciativa do jovem engenheiro Celso Niskier, nascia a bonita trajetória de sucesso da UniCarioca. A Faculdade Carioca de Informática começou pequena. Eram somente duas turmas de 35 alunos do curso de Tecnologia de Processamento de Dados. Hoje, 30 anos depois, atingiu a classificação de melhor Centro Universitário do Rio de Janeiro por sete anos consecutivos, segundo avaliações do Ministério da Educação. São mais de 14 mil estudantes, distribuídos em amplas sedes nos bairros do Rio Comprido e Méier. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

J Editorial

Segundo Hannah Arendt, o homem nasceu para inventar e não morrer. Isso se aplica, com certeza, à vida dos muitos professores com os quais tivemos a honra de conviver. Este número do JORNAL DE LETRAS é feito em homenagem aos mestres de todo o país, responsáveis por tudo de positivo que apresenta a nossa educação. O 15 de outubro é uma data de grande relevo. Certamente será lembrada nas escolas de todo o país. Aqui, em nossas páginas, lembramos os 30 anos da UniCarioca, dirigida pelo reitor Celso Niskier. Muitos dos seus cursos são os primeiros em qualidade, no Rio de Janeiro, e o de Marketing é o primeiro do Brasil. Esforço notável, com participação dos seus professores, aos quais prestamos a nossa comovida homenagem.

O editor.



O JORNAL DE LETRAS cumprimenta os acadêmicos aniversariantes de outubro: Antonio Cícero, do dia 6, e Merval Pereira, nascido no dia 24.

“A beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio tom, nessa incerteza.”

Lygia Faundes Telles

J Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

J Opinião

Arnaldo Niskier

**Uma história de garra e competência**

Tenho ao meu lado a esposa Ruth, com quem estou casado há quase 60 anos. Recebo do meu filho Celso, o mais velho, a doce incumbência de escrever o prefácio do livro sobre a saga do maravilhoso trabalho de construção da UniCarioca, hoje considerado o melhor centro universitário do Rio de Janeiro.

Ruth me olha e sorri. Certamente, ela pensa nos 30 anos vividos desde os tempos inaugurais, quando adquiri a carta-consulta indispensável para se ter um curso superior. Foi-nos oferecido um curso de Informática, exatamente a área de preferência do Celso, que estudou Engenharia de Sistemas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, além dos estudos subsequentes no tradicional Imperial College de Londres. Tive o ensejo de visitá-lo várias vezes na capital inglesa e acompanhei o seu vívido interesse pelo tema, que desabrocha como dos mais relevantes no ensino superior.

Nesse quadro de lembranças, devo reservar um espaço para a figura respeitável de Adolpho Bloch, presidente da *Manchete*. Quando lhe contei dos sonhos do jovem Celso, então com menos de 18 anos de idade, com o seu jeito meio recalcado perguntou: “Por que você não manda ele passar uma temporada no Instituto Weizmann de Ciências (IWC) de Israel?” Claro que era um sonho, pois o IWC é das maiores instituições científicas do mundo. Aceitei na hora. Adolpho, como bom padrinho, escreveu para Rehovot e conseguiu um estágio importantíssimo para ele. Com tudo pago pela *Manchete*, ficou mais de 30 dias em companhia de cérebros privilegiados, que foram fundamentais para a sua formação.

A Faculdade Carioca de Informática nasceu com inspirações elevadas. Fez da qualidade a sua meta principal – e até hoje persegue tenazmente esse objetivo, alcançado como provam os exames periódicos do MEC. São vários os cursos em que a UniCarioca está na liderança, o que naturalmente explica o sucesso do empreendimento.

Tendo acompanhado de perto toda essa trajetória, preciso ressaltar a garra e a competência da equipe que conduz o vitorioso projeto. Seria injusto se não destacasse a liderança do jovem reitor, com um destaque necessário: a sua mulher Andrea. Nos intrincados mistérios da administração, ela é uma presença essencial. O casal tem duas filhas maravilhosas, Giovanna e Gabriela. A primeira segue os passos da família, fazendo carreira no magistério, para orgulho também dos seus avós.

Qual o futuro da UniCarioca? Manter a qualidade como apanágio e crescer sobriamente, como sempre foi desejo do seu competente reitor. Quais serão os cursos do seu amanhã? É impossível adivinhar, com os extraordinários avanços do mundo científico, tecnológico e da inovação.

Há uma faixa reservada para o fascinante campo aberto pela internet. A UniCarioca já se destaca no que chamamos de educação remota ou a distância. Foi das primeiras instituições do país a dar valor ao fenômeno do hibridismo, hoje em voga nos países desenvolvidos do Primeiro Mundo.

Com uma particularidade que cumpre destacar: o valor dado de forma incondicional aos seus professores. Constituem-se na parte essencial do processo – e isso explica a resultante medida pela obtenção da qualidade.

O campus do Rio Comprido tornou-se pequeno para os sonhos de realização da UniCarioca. Foi necessário pensar na expansão, o que acabou acontecendo, de forma espantosa, nesse bairro maravilhoso que é o Méier, de tantas e tão gloriosas tradições. Nesses dois bairros, a UniCarioca chegou a alcançar o número de 15 mil alunos, o que dá bem a dimensão do seu relevo.

Com o Celso Niskier – e de forma permanente – podemos recordar o pensamento de Alfred Whitehead (1861-1947): “A boa educação ensina a descobrir a beleza e o poder das ideias.” É o que ele cultivava, ao lado de sua cuidadosa equipe, desenvolvendo um projeto pedagógico que tem tudo de admirável.

A música e o silêncio

Por Gabriel Chalita

Fui eu que pinteí esse quadro. Sim. É minha mãe. Uma metade é o seu olhar, quando se casou com meu pai. A outra, é do último dia em que ela cantou. Foi um pouco antes de entrar em cena. E, depois desse dia, foi silêncio.

Também sou cantor. Ensino o canto como uma chama que desaloja de mim qualquer sentimento menor. Quando canto, me despeço das exterioridades e me integro à minha alma interior. Sou eu e a eternidade. Sou eu ou a partícula de mim que se une ao cosmos gigante de luzes e de sons que deslocam o tempo, para qualquer tempo no espaço, onde canta um cantador. É por isso que ouço o ontem, a voz de minha mãe, que se calou há algum tempo.

Eu era pequeno e a via fazendo os exercícios de voz. Ia com ela ao teatro e apalpava, com a minha pupila, cada gesto que a maquiava para entrar em cena. Respeitava o seu respeitoso nervosismo. O público merecia encontrá-la inteira. Gostava de ver os aplausos em cena aberta. Os ditos extasiados que exclamavam que, ali, brilhava uma estrela. E, então, corria para a saída do teatro para ler, nos olhares e nos dizeres, o que, de minha mãe, eles levavam para as suas vidas.

Meu pai não parecia se integrar a esse mundo tão aquecido. Era frio, quando tentava ela narrar o dia. Era ausente nas estreias. E se fazia incomodado nas demoras. Ela chegava com os aplausos na alma e se deitava na solidão acompanhada. É o que posso dizer quando apalpo o corpo nu da memória. Não condeno meu pai. A armadura que ele usava foi a única que conseguiu. E, então, os abraços necessários se perdiam.

Um dia, a voz de minha mãe falhou. Era noite. Triste noite interminável. Deixou os camarins para viver a arrumação da casa. Varria, todo dia, toda a tristeza do mundo. E limpava cada pedaço da sujeira

daquele chão. Eu não compreendia o seu silêncio. Fui crescendo e fui cantando. Ela me via ao piano e dizia nada. Eu sonhava uma aprovação. Nada. Apenas os seus olhos nos meus olhos confundindo os meus sentimentos.

Um dia, finalmente, convidei-a para voltar aos palcos, dirigida por mim. Disse nada. E aceitou. Foram algumas apresentações, apenas. Quatro. Como a totalidade dos gregos, a tetragonalidade. E, no último dia, depois dos aplausos que pareciam invadir a solidão do mundo, depois dos entusiasmos que alimentariam qualquer artista, ela me olhou e disse: “Foi por você, meu filho, e foi a última vez”. Eu não entendi, e ela concluiu: “Nunca mais vou cantar.” Foi nesse dia que tirei a foto que serviu de modelo para a parte direita do quadro. A outra, como disse, foi no dia em que subiu ao altar.

Morreu minha mãe, pouco tempo depois. No velório, deixei as músicas cantarem. No sepultamento, cantei eu, entre soluços e gratidão.

Canto, hoje, canções tantas que dela ouvi. Deito em seu passado misterioso. Em suas escolhas silenciosas e choro sozinho. Meu pai, também, se foi. Pouco depois da morte da minha mãe, eu o vi ouvindo os seus discos, segurando sua foto e chorando. Ouvi um cantarolar bonito como se cantasse ele as mesmas músicas que ela, só que pra dentro. Fiquei pensando no que faltou ser dito, no fogo escondido que não a aqueceu. Ele a amou profundamente, mas não conseguiu tirar do poço, da fundura de sua alma, uma água que espantasse a sede demorada de minha mãe.

É o que penso sem ter o poder nem o direito de decidir o passado. Isso tudo faz tempo. Hoje, os dois moram em mim. E, também, esse quadro. E essa vocação para silenciar apenas nas pausas entre uma e outra canção.

Na aridez do mundo, eu canto. Nos estranhamentos entre pessoas, eu canto. É a herança que recebi e que ousou deixar. Para acalmar as diferenças, para alimentar de sagrado os dias comuns. A música é a expressão da leveza de Deus na elevação dos homens. É o tempero que mergulha em nossos sentimentos e que nos retira sorrisos e nos apresenta o amor.

Deus é ternura.

Predestinado

Por Rogério Faria Tavares*

Abel passou a incomodar-se com o seu nome quando a professora de catecismo, numa de suas longas preleções, contou a história dos filhos de Adão e Eva. Ele descobriu que o seu homônimo mais famoso (e mais antigo) havia sido assassinado pelo irmão Caim. A turma não perdoou, chamando o colega de “bonzinho”, “fracote”, “bobão”... O menino reagiu, incisivo. Valente, precisou dar um empurrão aqui, um soco ali, para que o assunto se encerrasse, o que aconteceu em poucos dias, naturalmente. Ninguém insistiria nas gozações correndo o risco de levar umas bofetadas. Abel tinha muque suficiente para coibir as gracinhas. O bullying na escola acabou, mas o aluno da Irmã Patrícia rogou aos pais, duas ou três vezes, que mudassem o seu registro civil, sem, no entanto, fazer qualquer referência ao que tanto assombro lhe causara. Aprendera que não se podia falar assim à toa sobre a Sagrada Escritura, sem solemnidade, sem uma circunstância especial. Sua alegação foi outra: não queria mais aquele nominho dissílabo, de menininha, como se se chamasse “Bel”, apelido de Isabel. Os pais acharam a solicitação engraçada e não deram muita bola. A vida seguiu. Os dias foram se sobrepondo uns aos outros, indiferentes à memória desagradável do conto bíblico que insistia, teimosa, em habitar um cantinho da mente de nosso personagem. Dali não saía por nada. Às vezes, ganhava uma vozinha irritante, que lhe provocava: “fraquinho”, “bobinho”, “cuidado: a vida é perigosa”... O problema cresceu mesmo foi com a gravidez inesperada da mãe de Abel, nove anos depois do nascimento do primogênito. Num primeiro momento, surpreendido, o casal nem sabia o que fazer. A família funcionava bem em trio. Foi preciso rearrumar as perspectivas para

o futuro, refazer alguns projetos, o orçamento, desenhar de novo certos sonhos... até que tudo ficasse no jeito para receber o bebê. Na noite em que seus pais contaram a ele que, em seis meses, ganharia um “amiguinho”, o garoto desesperou-se, como se confirmasse uma previsão funesta, de que não tinha forças para escapar. Chorando, suplicava para que não deixassem o irmãozinho nascer, sem palavras para explicar porquê. Apenas tremia. Por noites seguidas, acordava em pesadelo. Perplexos e sem entender direito o comportamento do filho, Sirlene e Adauto creditaram a emoção de Abel ao que todos os psicólogos sempre falavam: “quando vem o segundo, o mais velho perde o trono, a exclusividade, e reage”... A situação ficou mais tensa e grave quando Abel tentou atingir a barriga da mãe com um chute, no que foi impedido pelo pai, hábil e rápido em conter a sua fúria. O parente psiquiatra foi chamado a opinar e logo receitou uma caixinha de alguma química que dopou Abel pelo tempo necessário para que ele não causasse mais transtornos. Até o final, o garoto nunca mais falou sobre o tema, como se desconhecesse por completo o ventre enorme ao seu lado na mesa do jantar, os enjoos, a vontade de degustar pratos exóticos, as idas ao ginecologista, as conversas de todos os familiares ao redor, a ansiedade dos avós...

Martin nasceu forte e saudável, de parto normal, animado para a vida, numa manhã ensolarada de domingo, como pedem as histórias felizes. Abel permaneceu no apartamento, discretamente vigiado pelo avô paterno. Quando a notícia lhe foi dada, mais que depressa trançou-se no banheiro, alegando necessidades, sem que o velho homem tivesse como impedi-lo. E de lá não saiu. A porta teve que ser arrombada. Ao lado do corpo, as cartelas vazias, o estoque das caixinhas completamente zerado.

*Rogério Faria Tavares é jornalista e presidente da Academia Mineira de Letras.

● OS ACADÊMICOS Arnaldo Niskier e Evanildo Bechara, da Academia Brasileira de Letras, organizam um dicionário, reunindo novas palavras e expressões ocorridas em textos nacionais, nos últimos 30 anos. Trarão explicações linguísticas para termos incorporados nos novos tempos, tais como tuítes, lives, webinar, dentre outros modismos que vieram para ficar.

● O LIVRO *João Cabral de Pontal a Ponta*, do acadêmico Antonio Carlos Secchin, lançado pela Editora CEPE, com 568 páginas, é o mais extenso até hoje publicado sobre o autor de *Morte e Vida Severina*, que completaria cem anos este ano.

● O SAUDOSO acadêmico Ferreira Gullar (1930-2016) ganhou um perfil oficial no Instagram (@gullar.ferreira), administrado por seus netos, dando destaque à obra do autor de *Poema sujo* e aos momentos em família.

● A COMPANHIA das Letras lançou *Um Paciente Chamado Brasil*, livro onde o ex-ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta conta os bastidores de sua demissão, em plena pandemia.

● COM TRADUÇÃO de Érika Batista, a Editora 34 lançou *Anotações de um Jovem Médico e Outras Narrativas*, do russo Mikhail Bulgákov, unindo-se a um vasto ramo da literatura feita por médicos escritores.

● COM NOVOS prefácios e textos críticos atualizados, a obra do jurista Raymundo Faoro, autor, entre outros, de *Os Donos do Poder*, será reeditada, em 2021, pela Companhia das Letras.

● *ABUSO – a cultura do estupro no Brasil* é o título da obra de Ana Paula Araújo, lançado pela Globo Livros.

● A EDITORA Antroposófica celebra 39 anos de mercado, oferecendo aos leitores um amplo acesso a textos de Antroposofia e temas afins.

● AOS 90 ANOS, o ator Lima Duarte recebeu a honraria de Mérito Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

● COM 192 PÁGINAS e tradução de Fátima Oliva, a Editora Rádio Londres lançou *Artigo 353 do Código Penal*, 12º livro do pre-

miado francês Tanguy Viel, que vem sendo comparado com o Nobel de Literatura Albert Camus (1913-1960).

● O PREFÁCIO do livro *Anthologie de la Poésie Brésilienne Contemporaine*, de Tavares Bastos, traduzido por Anaximandro Amorim, foi disponibilizado pelo site www.tertuliacapixaba.com.br. Trata-se de um trabalho inédito.

● EM SEU NOVO livro, *E foi Assim que Eu e a Escuridão Ficamos Amigas*, Emicida (Companhia das Letrinhas) conta a história de uma menina que tem medo de escuro, e de outra que teme a luz.

● O *ESCÂNDALO do Século*, obra com 50 textos jornalísticos publicados entre 1950 e 1984, confirma a genialidade do colombiano Gabriel Garcia Márquez. Lançado no Brasil pela Editora Record, com tradução de Joel Silveira e Léo Schlafman, o livro tem 350 páginas.

● A PREMIADA jornalista Patrícia Campos Mello discute, em *A Máquina do Ódio* (Companhia das Letras, 2020) como as redes sociais são manipuladas por líderes populistas.

● PERTO DE 30 milhões de reais foram investidos em obras de modernização do sistema de combate a incêndios e restaurações do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

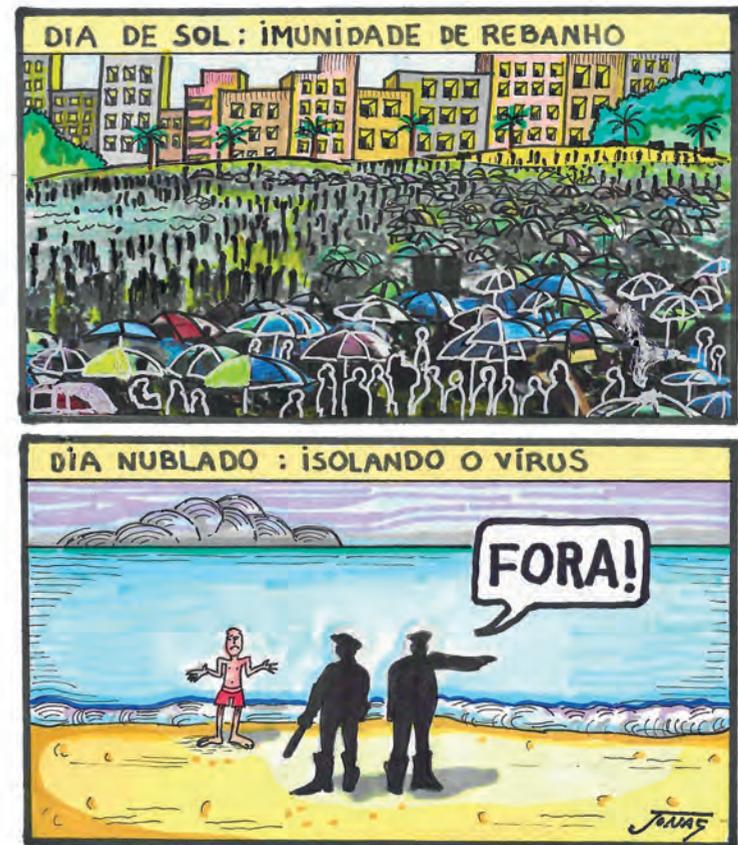
● O MAM DO Rio de Janeiro retomou as atividades presenciais, com duas mostras novas: a coletiva Campos interpostos e outra de Matheus Rocha Pitta.

● DEPOIS DE três exposições individuais de sucesso (Museu de Arte da Bahia, Paço Imperial, no Rio, e Senac de SP), o artista plástico baiano Tiago Sant'Ana foi premiado com uma bolsa de 80 mil dólares, pela Open Society Foundations, dos EUA.

● AS EDITORAS Jandaíra e Oficina Raquel, em parceria com as Mulheres que escrevem (MQE), lançaram uma antologia de poemas eróticos, todos escritos por mulheres e ilustrados por Clara Zuñiga.

● EM TEMPOS de debate sobre racismo, a editora Arqueiro lança *Na Corda Bamba*, livro de estreia da americana Kiley Reid, de 36 anos, que já está na lista de best-seller do *The New York Times*.

PANDEMIA: GUARDAS MUNICIPAIS GANHAM PRÊMIO NOBEL DE MEDICINA!



● A *ENCICLOPÉDIA Negra*, de Flávio Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz (Companhia das Letras), pretende ampliar a visibilidade das histórias de cerca de quinhentos negros brasileiros.

● *CEM MILAGRES*, de Wendy Holden, traz a biografia da pianista tcheca Zuzana Rizickova (1927-2017), conhecida, além de ter sobrevivido a três campos de concentração, por ser a primeira a gravar as obras completas de Johann S. Bach. Lançada pela Globo Livros, a obra promete repetir o sucesso de *Os Bebês de Auschwitz*, da mesma autora.

● *SAMUEL WAINER – o homem que estava lá*, da jornalista Karla Monteiro, lançado pela Companhia das Letras, conta a história do fundador do jornal *Última Hora*, que morreu em 1980, aos 69 anos.

● PSICANALISTA e mestre em sociologia, Letícia Lanz escreve em *Ser Mulher*, lançada pela Editora Objetiva, sobre sua trajetória e seus conflitos.

● FENÔMENO DE vendas em mais de 40 países, *A Caderneta de Endereços Vermelha*, da sueca Sofia Lundberg, repete o sucesso no Brasil, lançado pela Globo Livros.

● A ACADÊMICA capixaba Maria José Menezes, aos 106 anos, lançou, pela Editora Jordem, o infantojuvenil *Veadinho Pipoca*, ilustrado por Richelmy Lorencini.

● TERMINA ESTE mês o prazo para autores avulsos inscreverem seus trabalhos inéditos no Prêmio Kindle de Literatura 2020. O romance vencedor receberá 40 mil reais, além de contrato para publicação pelo Grupo Editorial Record.

● SERÁ ON-LINE, entre 22 de outubro e 4 de novembro, a 44ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. Ao todo, prevê-se a exibição de 150 filmes de vários países.

● EM SEU LIVRO de estreia, a mestre em reiki Rachel Rother divide experiências dolorosas de sua própria vida: *Pequeno Livro para Refletir* sai com 44 páginas, editado pela própria autora.

● SÃO ALARMANTES os dados de recente pesquisa da consultoria Idados, revelando que, em pleno século XXI, o Brasil ainda tem 16% das escolas sem computador, 6% sem esgoto e 3% sem energia ou água.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Areia perigosa

“Valentina devia saber dos riscos de nadar na linda lagoa que se formou no antigo areial.”

Que perigo! Ainda maior, já que o vocábulo não existe. Observe:

Usa-se a vogal **e** não a vogal **i**, antes da sílaba tônica, nos substantivos e adjetivos derivados de substantivos terminados em **-eio** e **-eia** ou que com eles tenham relação direta. Ex.: aldeão (aldeia), candeeiro (candeia), entre outros.

Frase correta: “Valentina devia saber dos riscos de nadar na linda lagoa que se formou no antigo **areal**.”

Pórtico errado

“Seja bem vindo! Assim é recebido o turista quando chega ao pórtico de entrada da bela cidade.”

Isso não pode ser!

Ninguém é “bem vindo” e sim **bem-vindo**, porque o advérbio **bem** deve ser separado do segundo elemento por hífen, na maioria das palavras.

Frase correta: “Seja **bem-vindo**! Assim é recebido o turista quando chega ao pórtico de entrada da bela cidade.”



Sentimento

“O bem-querer a todos deveria ser um sentimento cultivado desde a mais tenra infância.”

Não é assim, não! Este termo é uma exceção à regra anterior explicada.

Veja: escreve-se **benquerer**.

O mesmo ocorre em: **benfazejo**, **benfeito**, **benfeitor**, **benquerença** e outras que lhes sejam afins.

Frase correta: “O **benquerer** a todos deveria ser um sentimento cultivado desde a mais tenra infância.”

À mestra, com carinho

Por Vera Lúcia de Oliveira*

A primeira mestra a gente nunca esquece. A minha foi dona Tereza, cabeça de algodão, que me ensinou a ler e escrever quando eu tinha quatro anos e meio de idade. Contratei-a eu mesma, pois achava que minha mãe não iria aprovar. É que a mestra já dava aulas para o meu irmão mais velho, Vadico. E eu também queria aprender. Assim, peguei a minha inseparável minissombriinha de cabo amarelo e fui à casa da professora. Perguntei se ela poderia me ensinar. Ela achou muita graça daquela criatura minúscula e, pensando que era fogo de palha, disse sim. Passei no armazém do Zelão, pedi um caderno, um lápis preto e uma borracha macia. Mandei pôr na conta do meu pai, seu Dozinho. Saí de lá soberba com as minhas primeiras armas para enfrentar o mundo, pois seria professora, repetindo o gesto da primeira mestra com nome de santa sabida, agradecendo-a pelo resto da minha vida. É preciso dizer que morávamos em cidade pequena, todos se conheciam, na minha “Macondo”, onde as crianças andavam sozinhas pelas ruas sem perigo, a não ser de encontrar um cachorro solto, sem dono. Daí, vem também o meu sentido de liberdade de vagar pela cidade, de flunar, como dizem os franceses.

Assim, preparado o material, iniciei a maior de todas as minhas aventuras: viajar pelo mundo das letras, das palavras escritas em folhas brancas, meu primeiro encantamento, minha primeira epifania. Nunca vi nada mais lindo do que um *a* maiúsculo em letra cursiva, com aquele rabinho que parecia um escorregador! Caprichava no desenho das

Namoro fracassado

“Jonas está apaixonado por uma linda moça acreana.”

Não vai encontrar moça alguma desse modo, nem na Lua!

Escrevem-se com **i**, e não com **e**, antes da sílaba tônica, os adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos mistos de formação vernácula **-iano** e **-iense**, os quais são o resultado da combinação dos sufixos **-ano** e **-ense** com um **i** de origem analógica (baseado em palavras em que **-ano** e **-ense** estão precedidos de **i** pertencente ao tema: horaciano, italiano, flaviense. Outros exemplos: açoriano (dos Açores), acriano (de Acre), camoniano (de Camões), sofocliano (de Sófocles) etc.

Frase correta: “Jonas está apaixonado por uma linda moça **acriana**.”

Regência verbal

Alguns verbos possuem mais de uma regência, como, por exemplo, o verbo custar:

a – no sentido de ser custoso, ser difícil: é regido pela preposição **a**.

Ex.: “**Custou ao** engenheiro para entender o problema do cálculo da obra.”

b – no sentido de acarretar, exigir, obter por meio de: usa-se **sem** preposição.

Ex.: “O investimento no terreno à beira mar **custou-me** todas as economias.”

c – no sentido de ter valor de, ter o preço: usa-se **sem** preposição.

Ex.: “Iates, como os que vemos na baía da Ilha Grande, **custam** muito caro.”

Você precisa saber

Tanto o **molho de tomate** quanto o **molho de chaves** devem ser falados de modoônico fechado (**môlho**).

Faltou ingrediente

“Gisela procurou, mas não achou beringelas para fazer seu famoso antepasto.”

Escrevendo desse modo, melhor procurar outro ingrediente. Berinjela se escreve com **j**. Frase correta: Gisela procurou, mas não achou **berinjelas** para fazer seu famoso antepasto.”



Remédio sem efeito

“A médica de Ritinha orientou que os remédios devem ser tomados gota à gota.”

Dessa forma, não vai fazer o efeito desejado.

Não se usa o sinal indicativo de crase entre palavras repetidas, quer sejam masculinas ou femininas. Ou seja, assim como “frente a frente”, as expressões “passo a passo”, “cara a cara” e “dia a dia” são exemplos nos quais a crase não ocorre.

Frase correta: “A médica de Ritinha orientou que os remédios devem ser tomados **gota a gota**.”

letras, todas lindas, cada uma um novo desafio, um novo mistério. De tirar o fôlego. Como não se admirar com a magreza do I maiúsculo? Ou com a pança do D barrigudo? Como não se surpreender com o H, que não tinha som na palavra hoje? E por que *ontem* e *amanhã* não o tinham? As letras, umas magras, outras gordas, outras retorcidas, umas fáceis, outras difíceis, todas eram maravilhosas para mim. Um deslumbramento. Quem teria inventado coisa tão engenhosa?, eu me perguntava. Não há nada mais belo que a palavra. Palavra que me levou para terras distantes nos livros de histórias, que me fez correr com nostalgia por lugares de sonho em que eu nunca poria os pés...

Mas dona Tereza, um mês depois, fez uma visita à minha mãe. Contou que eu já sabia ler e escrever algumas palavras; busqueio caderno e li para elas. Com a mão na cabeça, aminha mãe, dona Odette, surpresa, encantada e preocupada com mais uma conta a pagar, optou, no entanto, pelo progresso da filha pequena, pois também era fascinada pelos livros, que ela nem tinha. Assim, tive as primeiras lições em casa de uma mestra doce, gentil, ao lado do irmão querido. Como esquecer?

Aquele *a* maiúsculo, como o porquinho-da-Índia do Bandeira, foi o meu primeiro namorado.

*A professora Vera Lucia Oliveira é da Academia de Letras do Brasil.



Reflexão positiva

Por Roberto Boclin*

Devemos aprender coisa novas, desaprender coisas que não devíamos ter aprendido, reaprender coisas antigas que nós já aprendemos e que serão importantes no futuro. (Silvio Meira)

Quem discute educação não pode esquecer do passado e da sua própria evolução.

Neste sentido, vale começar pelo século XIX, que foi um período de intensos debates em torno da organização de um sistema público de ensino, sobretudo na Europa, com repercussões no cenário brasileiro. A educação fora considerada como instrumento estratégico de modernização para enfrentar o que se apontava como sendo “as forças conservadoras”, ditas como entraves para o encaminhamento de um projeto de tal natureza. Tendo como eixo a ordenação de um poder nacional de exaltação dos ideais de progresso, não renunciava às liberdades. Neste contexto, caberia à educação a tarefa de auxiliar na formação dos hábitos, das mentes, do caráter, dos padrões morais e intelectuais.

Nas palavras de Augusto Comte, fundador do Positivismo, “havia necessidade de substituir nossa educação europeia, ainda essencialmente teológica, metafísica e literária, por uma educação cientifista, positiva, conforme ao espírito da nossa época e adaptada às necessidades da civilização moderna”. Para Comte, só a educação poderia garantir a estabilidade social e política, aliviando os efeitos das desigualdades sociais e econômicas.

No final do século XIX e no início do século XX, as “reformas” surgiriam com as pesquisas pedagógicas da Escola Nova de Dewey, de Maria Montessori, de Pestalozzi, de Carlyle, de Kerschensteiner e tantos outros, que buscavam alterar a lógica do que denominavam de “Pedagogia Tradicional”.

Que poder de sedução exerceu a educação para que tantos filósofos e pensadores dedicassem anos intermináveis de suas vidas para pesquisarem novas formas de levar aos jovens uma proposta criativa e factível para uma época de transformações profundas das famílias e da própria sociedade?

Até mesmo os grandes conflitos como a primeira e a segunda grandes guerras, destruidoras das cidades, dos costumes e da liberdade, não conseguiram, no entanto, atingir aos que de algum modo acreditavam na educação como instrumento efetivo de reformas.

No Brasil, também foi um período de muitas reflexões pelos idos de 1922, no pensamento de Anísio Teixeira, Francisco Campos, Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, Roquette Pinto, Julio de Mesquita Filho, Cecília Meirelles, integrantes com outros educadores e pedagogos do Manifesto dos Pioneiros da Educação, que afinal deu origem à Associação Brasileira de Educação, que completa, em 2020, seus 98 anos de existência produtiva e fértil.

Foram ideias avançadas que gradativamente transformavam-se em inúmeros ditames legais, como as leis 4024/1961, 5692/1971 e mais recentemente a LDB - nº 9.394/1996, porém, ainda assim, sem resultados concretos mais contundentes.

A educação brasileira perdeu-se nas sombras de um processo de desenvolvimento calçado pelo pensamento monetarista da economia, de visões imediatistas e inconsequentes para o progresso social do país.

Darcy Ribeiro e Paulo Freire, derradeiros filósofos da educação, desgastaram-se em conversas com surdos e em projetos sem desdobramentos por falta de apoio executivo.

Os resultados são conhecidos e, nos dias atuais, conduzem a um Ensino Fundamental que sequer alfabetiza, um Ensino Médio sem objetivo e um Ensino Superior que precisa de cotas e de privilégios de pobreza e de raças para viabilizar a matrícula de menos de 50% dos concluintes do Ensino Médio em cursos de graduação, muitos de qualidade discutível. Que novos caminhos precisa a educação brasileira?

Um Ensino Fundamental que seja fundamental, que garanta uma alfabetização completa nas quatro primeiras séries, habilidade de escrita e de cálculos simples, com pelo menos 6 horas de carga horária diária, professores com remuneração que atraia jovens preparados em bons cursos de Licenciatura (raros cursos), “escolas de risco” com tratamento diferenciado, como, por exemplo, dois professores e dois estagiários por turma de 40 alunos, tempo para educação física e cultura (artes e letras), alimentação balanceada, apoio familiar etc. Que as séries finais conduzam a integralidade dos seus concluintes ao conhecimento básico indispensável ao prosseguimento dos estudos com qualidade de aproveitamento.

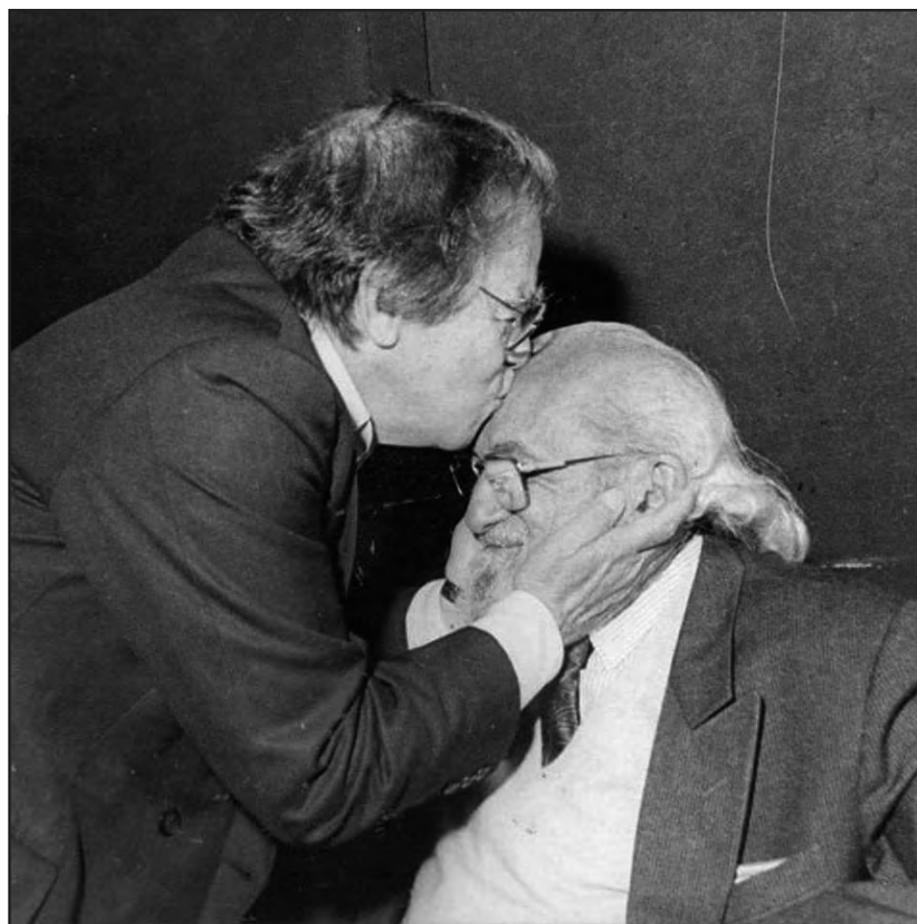
Um Ensino Médio que seja baseado em competências (conhecimentos, atitudes e habilidades) para formar cidadãos úteis, conhecedores do seu idioma, dos temas prioritários do processo de desenvolvimento (meio ambiente, saneamento, economia e habitação), das questões sociais, geografia e história como meios de aquisição de cultura, informática e internet como instrumentos eletivos de formação e conhecimento, matemática como conhecimento aplicado às soluções do cotidiano, enfim, um ensino mais do que fundamental ou médio, melhor definindo, um Ensino Estratégico que favoreça a inserção no trabalho com iniciativa e competência.

Vencidas as etapas da Educação Básica, seria desejável uma formação técnica competente e adequada aos movimentos da ciência e da tecnologia, com qualidade compatível com as demandas de um mercado de trabalho seletivo e exigente e em consonância com vocações sedimentadas em pelo menos 17 anos de vida e 13 de estudos.

O Ensino Superior, com suas vertentes humanistas e tecnológicas, permanece reservado aos que continuam a sua excelente formação avaliada ao longo do processo educacional a que se submeteram e das suas aspirações, e que poderão vir a se constituir, no futuro, nos integrantes dos cursos de pós-graduação de mestrado e doutorado das instituições públicas formando um elenco de docentes e pesquisadores de expressão acadêmica invejável e das instituições privadas nas áreas não abrangidas pelas públicas, com a mesma qualidade e segundo autorizações dos órgãos superiores da educação.

A Educação merece uma reflexão positiva.

*O professor Roberto Boclin é membro da Academia Brasileira de Educação.



Darcy Ribeiro e Paulo Freire, além de semelhanças na biografia, compartilharam o mesmo projeto de vida: o compromisso com a educação.

J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



REVISTA ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

A Academia Espírito-santense de Letras vai completar 100 anos no próximo ano. É a segunda entidade cultural mais antiga do Espírito Santo em atividade (só antecedida pelo Instituto Histórico e Geográfico do ES, de 1916). A *Revista anual – edição 2019* comprova a manutenção da vitalidade e da robustez da obra de seus associados, guardiões da memória literária capixaba. De acordo com o ex-presidente, o acadêmico Francisco Aurélio Ribeiro, autor da apresentação da obra, “A AEL tem por finalidade o cultivo da língua nacional e das Belas Artes, dentro do espírito de fraternidade que vincula o Espírito Santo aos demais estados brasileiros e países do mundo”.

A publicação oferece textos de 17 acadêmicos, entre eles “Intercunicação em obras literárias”, da atual presidente da AEL, Ester Vieira de Oliveira, entre outros igualmente recomendados. Mas não podemos deixar de destacar, porém, os discursos de saudação (pronunciado pelo acadêmico Fernando Antônio Achiamé) e de posse do acadêmico Sérgio Luiz Blank, na cadeira 9, no dia 22 de julho de 2019. O poeta faleceu exatamente um ano depois, no dia 22 de julho deste ano, aos 56 anos. No final do texto, Blank encerrou com um breve poema da americana Emily Dickinson: “Bebeu palavras preciosas./ Seu espírito cresceu forte./ Não mais sentiu que era pobre/ E sua memória pó./ Em dias sombrios dança/ E neste legado de asas/ Não foi mais que um livro. Um só./ Que voo sereno e certo/ O de um espírito liberto!”

A publicação oferece textos de 17 acadêmicos, entre eles “Intercunicação em obras literárias”, da atual presidente da AEL, Ester Vieira de Oliveira, entre outros igualmente recomendados. Mas não podemos deixar de destacar, porém, os discursos de saudação (pronunciado pelo acadêmico Fernando Antônio Achiamé) e de posse do acadêmico Sérgio Luiz Blank, na cadeira 9, no dia 22 de julho de 2019. O poeta faleceu exatamente um ano depois, no dia 22 de julho deste ano, aos 56 anos. No final do texto, Blank encerrou com um breve poema da americana Emily Dickinson: “Bebeu palavras preciosas./ Seu espírito cresceu forte./ Não mais sentiu que era pobre/ E sua memória pó./ Em dias sombrios dança/ E neste legado de asas/ Não foi mais que um livro. Um só./ Que voo sereno e certo/ O de um espírito liberto!”

O ENTREGADOR DE SENTIMENTOS

Em *O Entregador de Sentimentos* (Ed. Leya, 2020), Gabriel Chalita reúne algumas crônicas que foram publicadas no jornal *O Dia*. Em 224 páginas, expressa o encantamento provocado pelo cotidiano, observando não só o mundo externo, como também o interior do ser humano que, como descreve no título, é um “entregador de sentimentos”.

Dividido em quatro temáticas, o livro tem, na primeira parte, crônicas agrupadas. Primeiro, “Sobre a família”. Em seguida, estão “Sobre o amor e, às vezes, a dor”; “Sobre a amizade” e “Sobre alguns outros sentimentos”. O denominador comum que nos une a personagens retrabalhados pela escrita de Chalita é a humanidade compartilhada, com muitas lições e histórias que são resíduos do nosso próprio cotidiano.

O autor domina, com maestria, as fronteiras entre a realidade e ficção, deixando para o leitor a generosidade de preencher as entrelinhas. Nascido em 30 de abril de 1969, em Cachoeira Paulista (SP), Gabriel Chalita publicou seu primeiro livro aos 12 anos. É graduado em Filosofia e Direito e tornou-se mestre em Ciências Sociais, Doutor em Comunicação e Semiótica e também em Direito.

Na carreira acadêmica, orientou mais de 300 bancas de mestrado e *A Ética do Rei Menino; O Pequeno Filósofo; Pedagogia do Amor; Sócrates e Thomas More – correspondências imaginárias e Os 10 Mandamentos da Ética*.

No Brasil, na América Latina, Europa e Oriente Médio, vendeu mais de 10 milhões de cópias. Foi secretário da Educação do Estado e do Município de São Paulo, além de vereador e deputado federal. Chalita é professor dos cursos de graduação e pós-graduação nas universidades PUC-SP, Mackenzie, IBMEC e Uninove. É membro da Academia Brasileira Paulista de Letras.

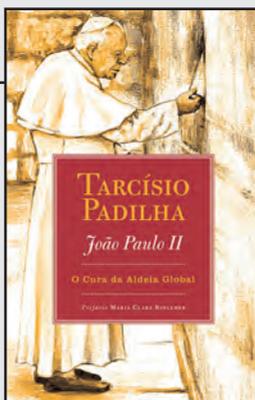


JOÃO PAULO II – O CURA DA ALDEIA GLOBAL

A obra *João Paulo II – o cura da aldeia global* (Ed. Batel, 2020), em edição revista e atualizada, relata episódios vividos pelo professor Tarcísio Padilha junto ao Sumo Pontífice, com reflexões sobre a obra e a trajetória do Santo Padre, o Papa. Com 178 páginas, o livro tem o prefácio assinado pela professora Maria Clara Bingemer, decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Um dos fundadores da Faculdade de Filosofia no Brasil e membro da Academia Brasileira de Letras, Padilha representou, durante 12 anos, junto com sua esposa Ruth, a “Família Brasileira” perante o Vaticano. Isso significava viajar por conta própria, duas a três vezes por ano, para estar com João Paulo II, e conversar com ele sobre as questões da família contemporânea. Desses encontros resultou *João Paulo II – o cura da aldeia global*, publicado originalmente em celebração à visita de Sua Santidade ao Rio de Janeiro, em 1997. Na ocasião, o autor explicou sua amizade com o Papa: “Com João Paulo II, sinto uma identidade muito grande. Não quero ser mal-entendido ou sugerir que havia intimidade entre nós. Significa que eu me baseio nos pronunciamentos dele, em seus livros e nos contatos que tive com ele, a dádiva de estar em sua presença. Ele gostava de ouvir, dava liberdade aos outros para falar.”

Tarcísio Padilha foi professor Titular de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, professor de História da Filosofia da PUC-Rio, professor de Filosofia, Pedagogia e Sociologia da Universidade Santa Úrsula, professor de História da Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e diretor do Departamento de Filosofia e coordenador do Mestrado e do Doutorado em Filosofia da Universidade Gama Filho. É membro fundador do Collegium Academicum Universale Philosophiae (Atenas), da Asociación Interamericana de Filósofos Católicos (da qual também foi vice-presidente), presidente da Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos e da Association Louis Lavelle (da qual foi conselheiro e é membro honorário). Membro da Academia Brasileira de Letras desde 1997, da qual foi presidente em 2000 e 2001. Os títulos disponíveis de sua obra Reunida são: *João Paulo II: o cura da aldeia global; História e Filosofia – reflexões sobre a condição humana; Literatura e Livre Pensar e Crônicas para um Mundo Melhor*, todos da Ed. Batel.



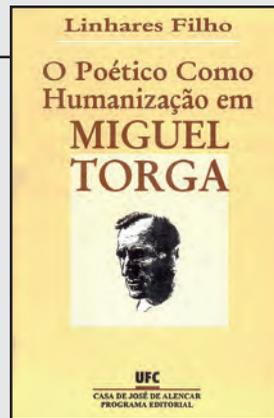
O POÉTICO COMO HUMANIZAÇÃO

O Poético como Humanização em Miguel Torga (Casa de José de Alencar/UFC, 1997) surgiu da tese de Doutorado (defendida em 1985) do então professor de Literatura

Portuguesa na Universidade Federal do Ceará, Linhares Filho. Ampliada e adaptada às conveniências editoriais, a robustez da obra mereceu elogios da acadêmica Cleonice Berardinelli: “Sua capacidade de trabalho, o afincamento com que pesquisa, a seriedade que põe em tudo que faz, a inteligência e o senso crítico de que é dotado – tudo isso apreciado ao longo de muitos anos de convívio intelectual e humano – permitem-me afiançar a sua competência para qualquer tarefa a que se proponha.”

Os elogios não pararam por aí. Também na contracapa do livro, o poeta e crítico literário Gilberto Mendonça Teles, da Academia Goiana de Letras, recomenda a leitura: “Vejo na sua tese um trabalho excelente.”

Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará, Linhares Filho é graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e fez mestrado e doutorado em Letras Vernáculas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É vencedor de vários prêmios, como os da Secretaria da Cultura do Ceará – pela obra poética *Tempo de colheita* (1987) e pelo ensaio *O poético como humanização em Miguel Torga* (1997) – e menção honrosa do Prêmio Esso de Jornalismo (1966). Publicou, entre outros títulos, *O Amor e Outros Aspectos em Drummond* (2002); *A Modernidade da Poesia de Fernando Pessoa* (1998); *Itinerário: trinta anos de poesia* (1998); *Rebuscas e Reencontros* (1996); *Ironia, Humor e Latência nas Memórias Póstumas* (1992); *Voz das Coisas* (1979) e *A Metáfora do Mar no Dom Casmurro* (1978).



COM A SORTE DA PALAVRA

Com a Sorte da Palavra – textos publicados reunidos (2020) é o título do primeiro livro de crônicas de Manoel Goes Neto, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha.

A obra, em caprichada edição, traz 44 textos selecionados e publicados pelo autor em jornais, revistas, antologias e sites, desde 2016. Com apresentação do ex-presidente da Academia Espírito-santense de Letras, Francisco Aurélio Ribeiro, a publicação tem o prefácio assinado pela acadêmica Bernadette Lyra, que não poupa elogios, recomendando a leitura: “Fazendo uso de uma clareza direta, cristalina e desconcertante, ele percorre e desenvolve tópicos que solicitam e merecem uma leitura participativa, por tão bem estruturados e tão bem pensados se apresentam, confluídos que são na direção de um alerta: é necessário dar atenção aos aspectos culturais que se enraízam, brotam e florescem neste nosso estado, geograficamente limitado entre serras, rios e oceano, situado em uma curva suave, na parte oriental do Brasil.”

Goes demonstra na escrita sua inquietude em promover a cultura capixaba. A obra é dividida em seis temas: Cultura, Ensaio, História, Livros, Patrimônio e Voluntariado.

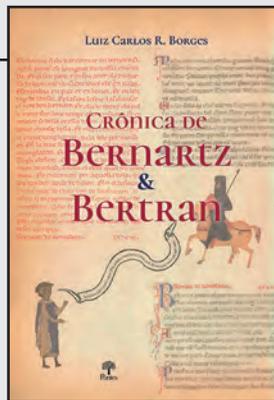
Membro da Comissão de Cultura da Assembleia Legislativa do Espírito Santo, o escritor, produtor cultural, curador independente, marchand e palestrante, Manoel Goes Neto é presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha e diretor no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.



CRÔNICA DE BERNATZ & BERTRAN

No romance *Crônica de Bernartz & Bertran* (Editora Pontes, 2020), Luiz Carlos R. Borges mescla, em 252 páginas, história e ficção, através do itinerário de dois trovadores da época de ouro na França. Em pesquisa robusta, a obra permite o ingresso em escritos da língua do ducado da Aquitânia, convencionalmente chamada língua occitânica (languedoc), através do relacionamento de dois monges na abadia cisterciense de Dalon: Bernartz de Ventadorn (poeta lírico por excelência) e Bertran de Born, senhor feudal, ativo participante de episódios históricos na segunda metade do século XII, compôs canções bélicas. Leituras aprofundadas, realizadas durante a confecção do romance, viriam a revelar que Bertran realmente se recolheu à abadia de Dalon: o encontro fictício e imaginário entre os dois poetas passou a se revestir de probabilidade histórica.

Luiz Carlos Borges é aposentado da magistratura no Estado de São Paulo. Membro da Academia Campinense de Letras, integra a diretoria do Centro de Ciências, Letras e Artes e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas, onde reside. Seu interesse pelos trovadores encontrou origem nas traduções de Augusto de Campos (*Verso, Reverso, Controverso*) e na obra fundamental de Segismundo Spina (*Lírica Trovadoresca*). Preciosa é a indicação que faz de suas fontes, agregando considerações que tornam sua obra referência a quantos desejem aprimorar seus conhecimentos sobre a escola provençal.



Um dia de uma professora rural

Por Ester Abreu Vieira de Oliveira*

Dez e meia: hora da comida familiar. Onze horas: a professora recolhe a sacola com livros e cadernos, revistos à noite. Diante de um sol incandescente, abre a sombrinha e, entre os trilhos da estrada de ferro, caminha em direção à escola. Seguem-na, alegres e tagarelas, as crianças e o duque, o cachorro da casa. Passam por pontes e pontilhões, sem cremes solares, sem protetores para o futuro da pele, desconhecendo esses cuidados.

Meio-dia: meninos e meninas, formados de acordo com a série, entram na escola e tomam os seus lugares. Depois da oração, a professora distribui conhecimentos entre os diferentes níveis: Português, Matemática, Ciências, História e Geografia do Brasil, mostrado num mapa na parede. Aos do 3º e 4º ano, a professora oferece informações e tarefas mais aprofundadas que aos do 1º e 2º, que, contudo, aproveitam também dos ensinamentos, enquanto vão desvendando das palavras outras vidas e lugares – simbiose auditiva própria do saber humano e

capacidade da mulher de direcionar a sua atenção para diversos segmentos processam-se ali.

Hora do recreio. A professora não deixa de distribuir uma merenda a essas crianças, na maioria filha de colonos da fazenda. Momento de animação. Correm os meninos. Cantam algumas meninas, cantigas de roda. Sentam-se outras perto da professora para ouvir causos e doutrinamentos que modelarão os seus caracteres e farão sempre se lembrar dela. Mas há um dia na semana para as atividades artísticas: desenho, bordados, diversos trabalhos manuais, canto cívico e folclórico, ou a representação de uma história dramatizada.

Na sala, de antigas gretas, nas rústicas paredes, sente-se, ainda, o cheiro da palha de café, que da máquina piladeira fazia explodir, para amontoar-se na eira, mas dela partem vozes “Ouviram do Ipiranga”, “Qual cisne branco em noite de lua”, “Salve lindo pendão da esperança”, e risadas com encenações do Lobo Mau, da Gata Borracheira, animações que destoam do ruído antigo produzido pela máquina tthem... tthem... tthem...

Quatro horas: a aula termina para os alunos, pois a professora recolhe os cadernos de tarefas para correção em casa e preenchimento do plano de aulas. Todos têm que voltar antes de passar o trem das quatro e meia, mas a conversa entre professora e aluno continua, e caminhando continua o conhecimento, entre os trilhos, pontilhões e pontes.

Esse foi o percurso por décadas de minha mãe.

*Ester Abreu Vieira de Oliveira é presidente da Academia Espírito-santense de Letras.

Um pioneiro de Brasília

Por Manoela Ferrari

“A amizade é como um círculo e como um círculo não tem começo nem fim.” O sentido hermenêutico da frase de Machado de Assis se aplica com toda propriedade ao sentimento que levou o acadêmico José Carlos Gentili, membro da Academia de Letras de Brasília e da Academia das Ciências de Lisboa a homenagear seu saudoso colega Murilo Melo Filho, com a publicação do livreto *Murilo Melo Filho – um pioneiro de Brasília*.

Circulando no texto publicado, além do pesar pelo falecimento do colega (ocorrido no dia 27 de maio deste ano) e do elenco de inúmeros adjetivos (“católico fervoroso, ícone do jornalismo brasileiro, fraterno amigo de uma falange imensa de sonhadores, primeiro membro honorário da Academia de Letras de Brasília, parâmetro educacional brasiliense”), Gentili faz questão de registrar o discurso proferido pelo “extraordinário amigo” na Academia de Letras de Brasília, na ocasião do Centenário de nascimento do jornalista Edilson Cid Varela, no dia 18 de março de 2013, na sede do *Correio Braziliense*.

“Um país sem memória e tradição é um bando”, afirma Gentili, então presidente da Academia de Letras de Brasília, que destaca a importância de a cultura e a educação de uma sociedade pairarem acima dos interesses políticos e de ideologias, navegando no universo das ideias. Citando Sêneca, “O discurso é o rosto do espírito”, registra o alerta de que devemos estar sempre vigilantes, “mostrando aos governantes, passageiros agônicos do mando, que cultura não se partidariza”. Razão pela qual exalta o registro da publicação de um discurso até então guardado no silêncio do baú: “Trazido à tona a fim de que os pósteros tenham a noção exata da dimensão gigantesca deste operário das Letras na consolidação de Brasília, capital da nação.”

Ilustrado com fotos de personalidades ilustres, da construção de Brasília, de Juscelino Kubitschek com a mãe, D. Júlia, o discurso narra algumas das muitas histórias vividas pelo potiguar Murilo Melo Filho junto com o homenageado, seu conterrâneo Edilson Cid Varela e suas



Os casais Ruth e Arnaldo Niskier, Murilo Melo Filho e Norma, com o presidente Juscelino Kubitschek, que governou o Brasil de 1956 a 1960, numa época lembrada como um tempo de otimismo.

grandes obras (TV Brasília e *Correio Braziliense*): “Tínhamos os sonhos próprios de jovens que, depois, emigraram de Natal, para, sozinhos, enfrentar, no sul do país, os perigosos desafios da vida, tendo, diante de nós, apenas uma opção e uma alternativa: vencer ou vencer.”

A trajetória de vida de ambos comprova que tudo valera a pena. Triunfos e conquistas não faltaram na vida dos dois admirados jornalistas. Murilo Melo Filho criou a seção “Posto de Escuta”, na revista *Manchete*, onde escreveu durante 40 anos. Entre outros títulos, integrou a Academia Brasileira de Letras, o Conselho Administrativo da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a União Brasileira de Escritores (UBE). Morreu aos 91 anos, deixando muitas saudades.

Aos mestres

Por Nélida Piñon*

O lar galego nutriu-me com pão e valores. Abastecida de amor, fui entregue ao Colégio Santo Amaro, de professoras alemãs, para cumprir meu destino educacional.

Sob a custódia das madres beneditinas, fui introduzida aos mistérios da educação formal, estaria à salvo da vida à deriva. Aos poucos escalaria os degraus do conhecimento. À sombra dos livros e da escrita. Seria um espírito universal. Enfim o que me faltava.

As mestras eram rigorosas, mas estimularam minha percepção de mundo, enquanto me ensinavam o uso simbólico do lápis, do caderno, do quadro-negro, da alquimia da palavra. E davam ênfase aos livros que alicerçavam os saberes transmitidos.

Madre Elmara Bauer, que ensinava latim e grego, respondia pela classe, portanto auscultava quem éramos, nosso agir. Dizia-se ser uma nobre austríaca que ingressara na ordem beneditina já com sólida cultura. Ao intuir eu a nostalgia que lhe suscitava a arte cênica, a que não tinha acesso, tornei-me sua amiga e seu alter ego. Supria-a com detalhes o que eu assistia nos teatros. Emprestei-lhe meus olhos e meu arrebatado teatral. Em troca, madre Elmara intensificava meu fervor literário. E, nos intervalos das aulas, ajudava-me a interpretar Corneille, Racine, a distinguir a essência lírica de Ronsard e o grupo da La Pléiade. Ainda a essência da poesia medieval que pousava no Roman de la Rose.

As madres respondiam por uma pedagogia clássica pautada pelos ditames civilizatórios. Sempre em consonância com paradigmas embu-

tidos em sua formação religiosa. Mas sem nos privar de um ensino capaz de fertilizar o intelecto, de recrudescer a leitura em casa. Uma didática propícia ao entendimento da complexidade humana.

Cingidas elas a seus códigos, jamais senti que tolham meus movimentos ao rechaçar alguns dos seus dogmas. Como se confiassem elas nas irradiações da minha humanidade. Também eu valorizava quando lançavam setas à minha mente com o intuito de acatar a vertigem que os pensamentos produziam ao fundirem-se a esmo. Assim desvendando o que estivera velado.

Havia que sistematizar o conhecimento, estimar o empenho intelectual que sempre deram existência às obras imortais. Para tanto, era mister superar obstáculos sem temer reveses.

Com os recursos curriculares do colégio, parecia-me que as madres, em nome da estima que me tinham, amalgamavam a massa dispersa dos meus saberes para erguer com eles a casa que no futuro abrigasse minha criação literária. E queria poupar-me das dores que sempre sofreram as criaturas humanas à mercê das eclosões históricas que solaparam as utopias.

No convívio escolar, eu rastreava a inventiva humana e os labirintos da memória. Ambas funções dando guarida ao enredo da própria família, que, ao cruzar o Atlântico, fez-me brasileira. E que, em parceria com as mestras, legou-me a noção da aprendizagem, da perseverança, que fortaleceriam. Sem me descuidar da área dos sentidos e das emoções. E ocupar assim um lugar propício à minha alma. Ao verbo com o qual pensaria a vida.

Sou grata a todos os mestres que me escolheram para dar vida aos seus sonhos. Para ser o que eles tinham de melhor. Prezo tanto o humanismo que generosamente se desprendia deles a cada lição. Guardo na vida e no ofício de escritora a marca das suas presenças. O quanto formalizaram minha cidadania. Sei que os efeitos do ensino escolar são visíveis na grandeza de uma nação. E que a educação esclarece definitivamente quem somos.

*Nélida Piñon é membro da Academia Brasileira de Letras.

Canção para a turma de 2011

Por Antonio Carlos Secchin*

Obs: patrono dos bacharéis em Letras da UFRJ, Secchin saudou-os com esse poema.

Aos alunos tão queridos
Que seguiram dia a dia
Os caminhos percorridos
Sempre em busca da poesia,

Só posso deixar um adeus,
Pleno, porém, de alegria,
Pois a palavra que vale
Não é a de quem renuncia:

Ela é de todo mundo,
João, José ou Maria,
Que acredita nessa força
Com que a vida principia:

Força de qualquer palavra,
Que no escuro é nosso guia,
Palavra que contra a treva
Se incendeia e te alumia.

Que seja a literatura
A descoberta sem fim
De tudo que sutilmente
Não é o não, nem é o sim.

Ensinar é descobrir
Que tudo guarda um mistério,
Bom professor é astronauta
No alto astral do magistério.

O patrono é quem protege,
Mas quero vocês na luta,
Mesmo que não seja fácil
Encontrar quem nos escuta.

Agora aos novos colegas
Eu dedico esta canção,
Que traz seus nomes gravados:
Letras em meu coração.

Rio de Janeiro, 7 de abril de 2012

* Antonio Carlos Secchin é membro da Academia Brasileira de Letras.

30 anos de uma educação de sucesso

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

A origem do Dia dos Professores é uma breve aula de história: a data tornou-se um marco depois que o imperador D. Pedro I instituiu um decreto que criou o Ensino Elementar no Brasil, no dia 15 de outubro de 1827.

Mas a importância desse dia vai além da questão histórica: os professores são o coração da educação. São eles o elemento central do sistema educacional, disseminando conteúdo e inspirando sabedoria. Abrir as portas para um mundo de conhecimento é um desafio assumido a cada dia.

Com muito esforço e imaginação, os mestres travam uma batalha contínua para ir além de seus horizontes. Somente através de um magistério firme, resiliente e determinado teremos uma sociedade com cidadãos informados e voltados para o futuro.

Promover atividades em comemoração à essa data é o mínimo que podemos fazer para celebrar a contribuição destes profissionais. O JORNAL DE LETRAS, coerente com a sua origem e ciente da magnitude do magistério, não poderia deixar de homenagear essa classe de trabalhadores, cuja mola propulsora é a paixão e a base redentora é a dedicação.

Em nome do profissional da educação, relatamos, a seguir, uma história de resiliência, foco, determinação, inteligência, esforço e, sobretudo, muito estudo, através de um acadêmico que representa não só um exemplo de competência, como, principalmente, uma inspiração para o exercício ético da profissão. Através do sucesso colhido com os 30 anos de fundação da UniCarioca, estendemos os nossos cumprimentos a todos os professores do Brasil, repetindo uma frase do ex-governador do Rio de Janeiro, Antônio de Pádua Chagas Freitas (1914-1991), que evoca a memória afetiva e merece a nossa reflexão: “Qual de nós não deve a vida a uma professora?”

O INÍCIO

O ano era 1990. Em um pequeno prédio de Botafogo, bairro da zona sul do Rio, por iniciativa do jovem engenheiro Celso Niskier, nascia a bonita trajetória de sucesso da UniCarioca.

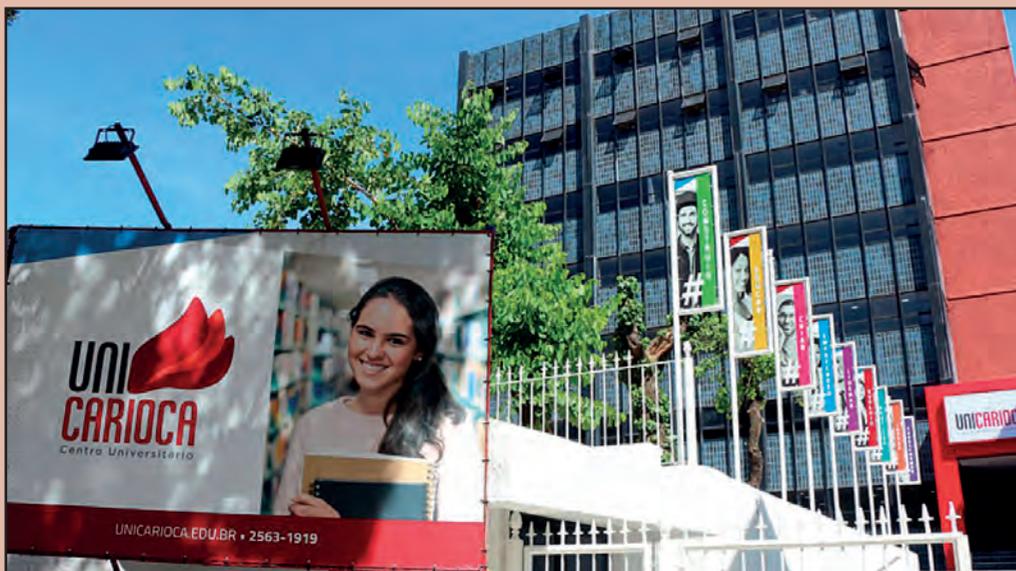
A Faculdade Carioca de Informática começou pequena. Eram somente duas turmas de 35 alunos do curso de Tecnologia de Processamento de Dados. Hoje, 30 anos depois, atingiu a classificação de melhor Centro Universitário do Rio de Janeiro por sete anos consecutivos, segundo avaliações do Ministério da Educação. São mais de 14 mil estudantes, distribuídos em amplas sedes nos bairros do Rio Comprido e Méier.

O projeto de empreender uma instituição de ensino superior começou com um papel. O pai do futuro reitor mais jovem do país – o acadêmico Arnaldo Niskier – comprara uma “Carta-Consulta”, documento que lhe permitiria abrir uma faculdade. Na época, Celso Niskier morava em Londres, para onde se mudara depois do casamento e do mestrado em Engenharia de Sistemas pela PUC-Rio. Na Inglaterra, cursava o doutorado no conceituado Imperial College. Ao tomar conhecimento da possibilidade real de conduzir uma faculdade de informática, voltou na hora, apoiado, desde o início, pela esposa, Andrea Levy Niskier, cuja parceria continua sendo de fundamental importância para o êxito da instituição.

Com uma gestão democrática e participativa, a UniCarioca foi crescendo lentamente. Nasceu trazendo como meta formar profissionais competentes para o mercado de trabalho, oferecendo serviços educacionais acessíveis e de excelência. Nunca se afastou de sua missão primeira: a qualidade de uma educação transformadora, guiada por valores éticos consistentes, contribuindo para a melhoria do ensino no país.

Ser um centro universitário de referência na educação superior, com professores qualificados, infraestrutura adequada e modelos pedagógicos ativos tornou-se um caminho inevitável.

Inauguração do primeiro prédio da UniCarioca em Botafogo, em 1990. Aula inaugural.



Ruth Niskier, com o marido, Arnaldo, e o filho, Celso, ambos da Academia Brasileira de Educação.

A expansão da Unicarioca no Méier, que já conta com cinco prédios, atende a uma forte demanda de alunos que buscam cursar o ensino superior de qualidade próximo às suas casas.



A PRIMEIRA TURMA

A formatura da primeira turma de Tecnólogos em Processamento de Dados aconteceu em 1993, em memorável cerimônia na Academia Brasileira de Letras. Em seguida, a Faculdade foi crescendo e aumentando a oferta de cursos. Em 1995, criou a primeira Universidade Virtual do país, a UNIVIR. No mesmo ano, lançou os cursos de Administração, Comunicação Social e Desenho Industrial.

Em 1996, inaugurou a unidade da Avenida Paulo de Frontin, no Rio Comprido. No ano 2000, obteve o credenciamento como Centro Universitário Carioca, e passou a se chamar UniCarioca. No ano seguinte, inaugurou a sede da rua Medina, no Méier. Em 2013, conquistou o 1º lugar entre os centros universitários do Rio de Janeiro.

Com o melhor curso de EAD do Brasil (superior de marketing), nos últimos anos, ampliou a oferta de cursos, expandiu a pós-graduação, implementou mais cursos de graduação a distância, além do Mestrado Profissional. Realizou diversos eventos institucionais e acadêmicos, promoveu ações voltadas ao bem-estar social e ao desenvolvimento sustentável da comunidade, ampliou o número de núcleos e serviços oferecidos, produziu conteúdos audiovisuais, investiu no esporte, além de estar presente em importantes eventos externos voltados ao mercado de educação. Para 2021, o desafio é continuar essa trajetória de sucesso, oferecendo educação de qualidade, contribuindo para o êxito dos alunos e da comunidade. Em três décadas, a UniCarioca transformou milhares de vidas através da Educação.

Para o reitor, Celso Niskier, atual presidente da ABMES (Associação Brasileira de Mantenedores do Ensino Superior), essa jornada não foi traçada de forma solitária, mas solidária: “Sou grato a todos os colaboradores que vieram junto comigo nesse período de construção, vivendo os altos e baixos naturais de qualquer empreendimento. Aprendemos juntos que o sonho de uma instituição de educação superior acessível e de qualidade não é um sonho impossível. Ele é fruto de muita persistência, mas também de muita paciência, já que todos os investimentos em educação são de longo prazo. A UniCarioca é um exemplo de instituição séria, inovadora e voltada para o bem comum, tendo transformado a vida de mais de 20 mil alunos que por ela se formaram, e que estão em pleno desenvolvimento no mercado de trabalho.”



Primeira turma de formandos em 1993.



O mais jovem reitor do país, Celso Niskier, com a mulher Andrea e a filha Giovanna. Todos trabalham na administração da UniCarioca.

UMA CATEDRAL DA CIDADANIA

Por Adolfo Martins

Há 30 anos, um jovem visionário cheio de entusiasmo, mobilizado por um desafio estimulante, plantou a semente de um sonho: referimo-nos ao professor Celso Niskier e ao seu projeto de criar uma Faculdade de Informática que, ao longo dos anos e à custa de muito talento e muita tenacidade, iria se transformar na UniCarioca que, vitoriosamente, comemora seus 30 anos com a marca de uma instituição consolidada, sobretudo, pela fidelidade aos princípios que nortearam sua fundação.

Aqui, não se pode deixar de destacar o incentivo e o apoio, de primeira hora, que o professor Arnaldo Niskier, essa figura carismática, emprestou à formatação do projeto então iniciante.

E diga-se que, desde sua idealização, a UniCarioca (nascida com apenas 70 alunos que formavam as duas turmas iniciais de seu curso de Processamento de Dados) traz no seu DNA os genes da ética, da inclusão e da cidadania.

Assim, sob a liderança sempre firme e serena do professor Celso Niskier, a UniCarioca foi avançando, vencendo adversidades, alargando espaços, colecionando conquistas e escrevendo sua história de sucesso nesses 30 anos, durante os quais ampliou seus cursos, solidificou sua infraestrutura, aglutinou cabeças inovadoras, aperfeiçoou seus modelos pedagógicos, multiplicou seus alunos (atualmente são cerca de 14 mil) e se preparou para os desafios sempre múltiplos dos novos tempos.

Na sua visão institucional, incluiu um compromisso inarredável com a responsabilidade socioambiental, fator tão fundamental e estratégico nos dias atuais. Isso, somado à missão assumida de formar profissionais éticos e qualificados e capazes do pleno exercício da cidadania, sempre assegurou-lhe diferenciais de grande relevância. Inclui-se ainda seus objetivos permanentes de produzir conhecimento, gerar pensamento crítico, articular saberes, estimular lideranças, aguçar inteligências e desabrochar as potencialidades de tantos e tantos jovens.

No seu conta corrente humano, ela se faz credora de um saldo gratificante: já ajudou a formar mais de 20 mil jovens que, através de suas portas, e mobilizados pela energia de uma Educação transformadora, alargaram seus horizontes, saborearam o alimento do crescimento humano, descobriram as técnicas do fazer, aprimoraram a arte do conviver, abriram os caminhos do próprio destino e puderam alçar voos em busca de uma vida digna, assentada num trabalho socialmente útil e no pleno exercício da cidadania.

Para simbolizar a trajetória desses 30 anos da UniCarioca, poder-se-ia recorrer à conhecida fábula dos três cortadores de pedra, aos quais um viajante curioso, perguntou o que estavam fazendo. O primeiro deles respondeu-lhe sem esconder o cansaço: “ora, estou quebrando pedras.” O segundo deles disse: “estou preparando pedras angulares.”

E, finalmente, o terceiro deles, sem esconder o semblante de entusiasmo, respondeu-lhe num tom enfático e quase apaixonado: “estou ajudando a construir uma catedral.”

Pois, quando lançou a pedra fundamental dessa sua construção visionária, o professor Celso Niskier, na realidade, começava a construir, simbolicamente, uma catedral que, ao longo do tempo, iria abrigar e continua abrigando sonhos e ideais de milhares de jovens. E que acabaria por se transformar nesse espaço do conhecimento, nesse templo da inovação, nesse abrigo de esperanças, nesse teto de empregabilidade, nessa morada de ética, nesse espaço de inclusão.

Enfim, nessa verdadeira Catedral da Cidadania.

*Adolfo Martins é diretor-presidente do Grupo Folha Dirigida.

Literatura e liberdade: conta outra!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Com a devida apropriação do título, apresentado na revista literária *Quatro Cinco Um*, demonstro a minha indignação com os livros da Coleção Conta Pra Mim, que têm como mascote um ursinho como o da série americana Star Wars – um bom representante da nossa fauna – e cujo filmete de propaganda apresenta imagens idealizadas de famílias, casas e personagens perfeitos. Histórias adulteradas de acordo com ideologias questionáveis, desenhos infantilizados e total falta de envolvimento de especialistas, autores e ilustradores de literatura infantil. Tudo feito de forma autocrática por pessoas que não conhecem a evolução e a qualidade da literatura infantil editada no país. Isso sem citar os recursos envolvidos, a falta de transparência e de licitação, que premiou determinados escolhidos.

Fico com as mensagens de quem entende e escreve para crianças:

“Muitas adaptações partem do princípio equivocado de que as crianças não devem lidar com a tristeza, mas é melhor oferecer a tristeza nas histórias e dialogar com as crianças sobre a melhor forma de lidar com ela. Mesmo com o uso de metáforas e do imaginário, permitindo diferentes leituras, nada mais real do que os contos de fadas.” **Marina Colasanti**

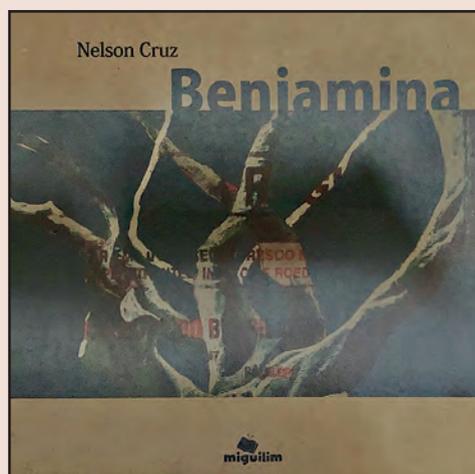
“Se formos protegidos das coisas obscuras, não teremos nenhuma defesa nem entendimento algum sobre elas quando ocorrerem em nossas vidas. É importante que as crianças saibam que o sombrio pode ser derrotado. Que elas têm poder sobre ele. Devemos dizer a elas: você pode lutar contra isso, você pode vencer. Porque as crianças podem. Mas, antes, precisam saber que essas coisas existem.”

Neil Gaiman

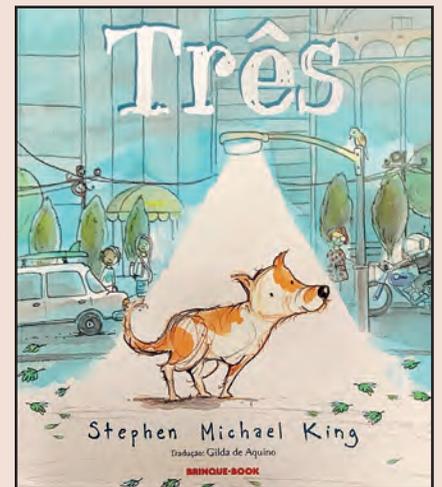


Para consolar nossa alma, já tão sofrida com o isolamento e a crescente perda de vidas com a pandemia, apresento lançamentos incríveis que ajudam a pensar:

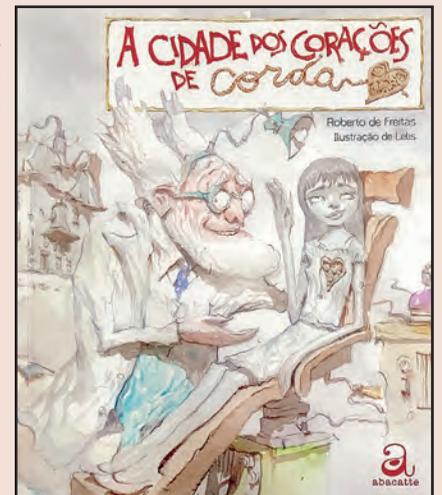
Benjamina – Nelson Cruz (Miguilim) – Uma obra de resistência, segundo a apresentação de Fabíola Farias. O autor reinventa os troncos retorcidos que restaram das árvores cortadas de uma avenida em Belo Horizonte em pinturas sobre caixas de papelão, com imagens que revelam consumo e lixo e formam um contraste entre natureza e humanidade. Os *Ficus Benjamina*, árvores centenárias, se apresentam decepados e mutilados, tornando a paisagem árida e triste. O autor os torna perenes e ofendidos!



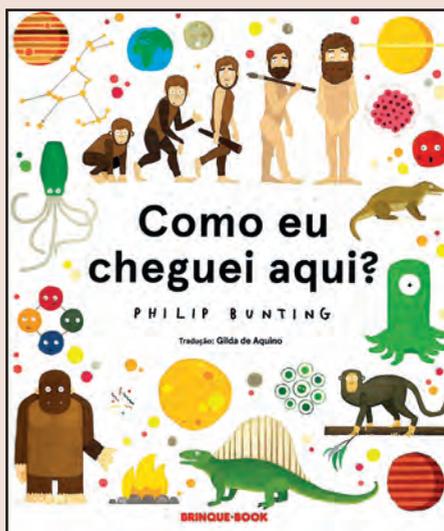
Três – Stephen Michael King – tradução de Gilda de Aquino (Brinque-Book) – Um tema recorrente nos nossos trabalhos tem sido a inclusão de temas polêmicos na sala de aula e na conversa com as crianças. Lidar com deficiências é uma situação bem difícil e o autor torna isso delicado e oportuno, criando a possibilidade do tema ser levado aos pequenos com naturalidade. Na quarta capa, a síntese da mensagem: esta história comovente vai lhe mostrar que perfeito é ser como você é!



A Cidade dos Corações de Corda – Roberto de Freitas – ilustrações de Lelis (Abacatte) – Ter um coração de corda significa esquecer a dor, a tristeza, a compaixão. O novo invento permite excluir os sentimentos e parar de sofrer, e é simples de usar, como uma caixinha de música, basta dar corda. Mas, onde ficam as memórias, a esperança, a amizade, a saudade? Nostalgia e solidão acabam por reverter essa história, afinal, Só amor constrói / Só o amor faz bem. Só ele é capaz de fazer / Feliz alguém!



O menino e o Tuim – Rubem Braga, ilustrações de Alexandre Camanho (Global) – Quem me apresentou a esse texto foi a querida Maria Neila Geaquinto, bibliotecária no Espírito Santo e apaixonada pela obra de seu conterrâneo. Mais uma história para falar de um assunto difícil – a morte. A narrativa apresenta a interferência do homem nas leis da natureza, no caso, um menino que adota um filhote de pássaro, um tuim. Apesar dos avisos do pai, com temor e amor, o menino se apega à pequenina ave sem saber que o destino já estava traçado.



Como Eu Cheguei Aqui? – Philip Bunting, tradução de Gilda de Aquino (Brinque-Book) – Livro eleito, em 2019, um dos melhores livros infantis da Austrália (Children's Book Council). Apresentar a história da criação do mundo e a evolução do homem para crianças pode não ser uma tarefa fácil. O autor e ilustrador Philip Bunting desenvolve o tema contando a história da evolução até os dias de hoje, inserindo nela o pequeno leitor. Oportuno, inteligente e criativo, o livro tem por finalidade mais do que fornecer respostas, motivar perguntas. E a Terra não é plana!

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



MARIO PUZO

Mario Gianluigi Puzo (Manhattan, Nova Iorque, 15 de outubro de 1920 – Bay Shore, 2 de julho de 1999) foi um escritor norte-americano conhecido pelo seus livros de ficção sobre a máfia. Escreveu na antiga revista *True Action* e assinou alguns livros com o pseudônimo de **Mario**

Cleri. Puzo nasceu numa família de imigrantes italianos que moravam em Hell's Kitchen, um bairro de Nova Iorque. Entrou para a Força Aérea dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e foi mandado para a Ásia e Alemanha. Regressando aos EUA, foi estudar para a *New School For Social Research* em Nova Iorque, depois esteve na Universidade de Columbia, onde frequentou os cursos de Literatura e Escrita de Criação. Em 1950, publicou seu primeiro conto, *The Last Christmas*. Em 1955, lançou *The Dark Arena*. Em 1965, escreveu *The Fortunate Pilgrim*. Em 1969, sua obra-prima: *The Godfather (O Poderoso Chefão)*. Sua adaptação para o cinema pelo diretor Francis Ford Coppola, numa série de três filmes, lançados em 1972, 1974 e 1990, todos de sucesso, ganhando diversos Oscars (nove prêmios no total), Puzo roteirizou junto com Coppola. Os dois primeiros filmes são considerados por muitos críticos de cinema como os maiores de todos os tempos. Ajudou a escrever o roteiro destes filmes, e também se envolveu com outros filmes, como *Earthquake*, *Superman: The Movie*, *Superman II* e *Christopher Columbus: The Discovery*. Puzo morreu em 2 de julho de 1999, em sua casa em Bay Shore, Long Island, Nova Iorque.

acervo JL



ITALO CALVINO

(Santiago de las Vegas, 15 de outubro de 1923 – Siena, 19 de setembro de 1985) Um dos mais importantes escritores italianos do século XX. Nascido em Cuba, seus pais eram cientistas italianos que estavam de passagem pelo país, e retornaram à Itália logo após

o seu nascimento. Sua literatura é considerada sincera, delicada e extremamente ágil. Formado em Letras, iniciou o curso de Agronomia, mas abandonou o curso e foi participar da resistência ao fascismo durante a Segunda Guerra Mundial. Após a guerra, conheceu diversos militantes comunistas, indo para o jornal comunista *L'Unità* e editora Einaudie. Foi membro do Partido Comunista Italiano até 1956, tendo se desfilado em 1957. No final dos anos 1940 publicou suas primeiras obras calcadas no "estilo neorrealista", onde escreveu: *As Trilhas dos Ninhos de Aranha* (1947). Italo Calvino conquistou fama internacional com a publicação de *Nossos Antepassados*, trilogia narrativa de inspiração filosófica composta por *O Visconde Partido ao Meio* (1952), *O Barão nas Árvores* (1952) e *O Cavaleiro Inexistente* (1959). Abandona o estilo neorrealista e muda para o "realismo fantástico", mesclando fantasia e realidade. Sua primeira obra foi *Il Sentiero dei Nidi di Ragno (A Trilha dos Ninhos de Aranha no Brasil)*, publicada em 1947. Uma de suas obras mais conhecidas é *Le Città Invisibili (As Cidades Invisíveis)*, de 1972. Calvino morreu de hemorragia cerebral em Siena, Itália, em 19 de setembro de 1985.

acervo JL



MILTON HATOUM

Molton Assi Hatoum (Manaus, 19 de agosto de 1952) é um escritor, tradutor e professor brasileiro radicado em São Paulo. Cursos, na Universidade de São Paulo, Arquitetura e Urbanismo. Em 1978, lecionou História da Arquitetura na Universidade de Taubaté. Em 1980, viajou para

a Espanha como bolsista do instituto Iberoamericano de Cooperación. Ensina literatura na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Escreveu quatro romances: *Relato de um Certo Oriente*, *Dois Irmãos*, *Cinzas do Norte* (esse último vencedor do Prêmio Portugal Telecom de Literatura e todos os três primeiros ganhadores do Prêmio Jabuti de melhor romance) e *Órfãos do Eldorado*. Seus livros já venderam mais de 200 mil exemplares no Brasil e foram traduzidos em oito países, como a Itália, os Estados Unidos, a França e a Espanha. Onze anos após a publicação do primeiro romance, Milton publica *Dois Irmãos*. Entre a publicação do primeiro livro e do segundo, publicou diversos contos em jornais e revistas brasileiras e do exterior. O primeiro livro, assim como seu recente *Órfãos do Eldorado*, são considerados por diversos críticos como "obras-primas". Foi chamado de "O escritor que coleciona prêmios", mas disse certa vez: "não escrevo para ganhá-los." Em janeiro de 2017, *Dois Irmãos* estreou em formato de minissérie na TV Globo, com direção de Luiz Fernando Carvalho e o ator Cauã Reymond no papel dos irmãos gêmeos radicados em Manaus.

FAÇA COMO O SAFRA. INVISTA NO SAFRA.

VOCÊ PODE. Investimentos Safra.

Ter performance e segurança nos seus investimentos e receber uma excelente orientação financeira do mercado. No Safra, você pode.

Safra

Tradição Secular de Segurança

Fale com nossos gerentes ou ligue para 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados.

Central de Atendimento Safra: 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados. Atendimento aos portadores de necessidades especiais, auditivas e de fala / SAC – Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 772 5755, atendimento 24 horas por dia, 7 dias por semana. Ouvidoria – caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito(a): 0800 770 1236, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados.



arte Desenharte



Por Zé Roberto

zrgrauna@hotmail.com



PRIBALIMA

Nascida em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, em 1993, Pribalima é, como ela mesma diz, “Uma menina moleca, levada da breca” que, em plena crise no país, quando trabalhava numa empresa de transportes, jogou seu emprego estável para o ar e decidiu: “É agora que vou viver de arte. Ou vai ou racha!” Hoje, com o auxílio da internet, a artista busca exibir suas obras pelo mundo afora, manter sua mente plena em busca de evolução, sempre crescendo e fazendo arte. Formada em Administração de Empresas pela Unopar, em 2016; é uma artista 100% autodidata. Em 2019, ilustrou sua primeira capa de livro, no caso, a obra *Escrever Bem, Eu Posso Sim!*, de Alan Lima; participou da primeira Feira Cultural OVM – O Velho Mestre/Cervejas Especiais, em Duque De Caxias; e é integrante do Coletivo do Barteliê, Rio das Ostras. Esteve desenhando ao vivo com vários artistas locais no Mesão Artístico, na 16ª edição do Festival de Jazz e Blues; organizou uma oficina de stencil na Feira de Oportunidades para Jovens, no mesmo município e, recentemente, participou da exposição Colírios da Cidade, organizada pelo SESC Verão 2020. Com uma arte versátil, com técnicas variadas e mescla de materiais, a artista explora as superfícies em que aplica suas tintas e estampa suas artes. Pribalima vive atualmente na Baixada Litorânea, Rio das Ostras e, sem perder o otimismo e o bom humor, sonha em ser a tia rica da família, vivendo dos resultados que sua arte irá lhe proporcionar.

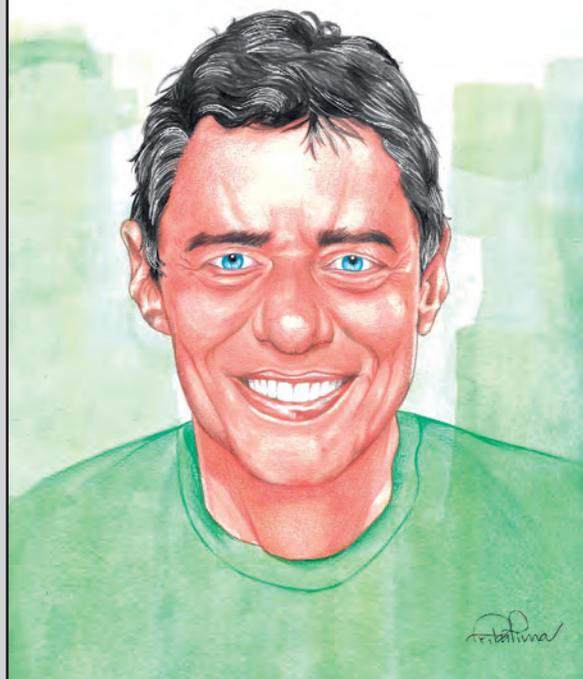
O leitor do JORNAL DE LETRAS poderá ver mais sobre a artista nas redes sociais, no Instagram, no perfil @pribalima, e no link: linktr.ee/pribalima.

Saúde e Arte!

A escritora Renata Vázquez.



Chico Buarque.



Elizeth Cardoso.



JL Entrevista

Em *live*, o jornalista e acadêmico Arnaldo Niskier foi entrevistado por Ana Maria Ramalho. Eis o resultado:

ANA MARIA RAMALHO / ARNALDO NISKIER

Recordações da Manchete



Ana Maria Ramalho: Arnaldo Niskier, além de imortal, foi o primeiro judeu presidente da Academia Brasileira de Letras. Você foi sempre muito ligado à educação, dirigiu, naquele império que foi a Bloch, o Departamento de Educação. Seu filho é dono de universidade. Em dois anos e meio, tivemos dois desastres de ministros e um parece que joga mais as mãos para o céu do que toma atitude em relação à educação nesse momento horroroso. Quero saber o que me diz sobre isso.

Arnaldo Niskier: É um caos. Escrevi um artigo que saiu em *O Globo*: *O Ministério está parado*. Hoje se anuncia a doação de internet para os alunos pobres. Já tem cinco meses de pandemia. Precisava tanto tempo para que esse pessoal acordasse quanto à necessidade de colocar internet em todas as escolas, sobretudo nas escolas mais pobres?

Ana Maria Ramalho: Uma gente que não sabe o que está falando. Aquele Weintraub...

Arnaldo Niskier: Além das agressões à língua portuguesa, o que é inadmissível em quem exerce essa atividade. Somos cultores da língua pátria, escrevemos, somos jornalistas...

Ana Maria Ramalho: Você, por pouco, não foi ministro da Educação do governo do nosso querido Tancredo Neves que, infelizmente, não assumiu. É a história que quero que você conte.

Arnaldo Niskier: O Adolpho Bloch resolveu homenagear o novo ministério com um jantar muito bonito (como tudo que fazia), na sede da *Manchete* em Brasília, dois dias antes do que seria a posse de Tancredo Neves. Foram todos os ministros já convidados pelo Tancredo Neves. Quem lembra sempre isso é o nosso querido Bernardo Cabral. Quando Tancredo chegou à sede da *Manchete*, o Adolpho Bloch me pediu para receber o presidente. Fui, ele passou a mão no meu ombro (tem foto disso, ele com a mão nos meus ombros) e disse: “Vou precisar muito da sua ajuda mais para adiante.” Achei aquela fala meio enigmática. Quando o jantar começou (eu estava com aquilo na cabeça), fui até o filho do Tancredo, Tancredinho, que era meu amigo, já conhecia do governo Chagas Freitas, e disse: “O seu pai me disse isso. O que isso quer dizer?” E ele respondeu: “Quer dizer que ele não pôde fazer de você ministro agora, porque não quer desagradar ao Brizola. Ele consultou todos os governadores para indicar os ministros, então ele não quer desagradar ao Brizola, portanto não ia convidar você ao arripio do Brizola. Daqui a um ano, ele vai mudar o ministério e vai chamar você para ser ministro da Educação.” Simples assim, foi assim que se passou. Então, imaginava que dali a um ano seria ministro da Educação. Tancredo gostava muito de mim e eu dele; nos respeitávamos mutuamente. Então, você imagina o sofrimento que foi. No dia seguinte, teve um outro jantar na casa de um publicitário, Euler da MPM, e lá chegou o Carlos Átila, que, você lembra, era porta-voz do governo, do Itamaraty, e disse: “Amigos, quero lhes dar uma notícia triste: não haverá posse.” Todos fica-

ram perplexos e se perguntaram: “Como não haverá posse?” Ele disse: “O presidente acaba de ser internado, vai ser operado, é grave e a posse será adiada.” Aí foi aquele zum-zum-zum e o resto a história conta. O Tancredo resumia a expectativa favorável, a esperança do povo brasileiro. Todo mundo queria que ele assumisse, era um indivíduo bondoso. Conhecia tudo de política e da vida brasileira, foi uma pena. O Brasil teria tomado outro rumo se o Tancredo tivesse tido quatro anos de presidência.

Ana Maria Ramalho: Hoje li que o Ministério da Defesa vai ter, no orçamento do ano que vem, mais 40 e tantos bilhões, e a Educação vai perder 1 bilhão. Para que precisamos de 40 bilhões na Defesa? Por acaso, o país está em guerra? Precisamos de submarinos, *drones*, aviões? Nada disso, aqui está tudo calmo.

Arnaldo Niskier: Essa é a escala de valores com a qual trabalhamos e que naturalmente está subvertida. Por que demoramos tanto a cuidar do Coronavírus? Por que demorar tanto? Outros países, a Coreia do Sul, a Índia, a Alemanha, começaram imediatamente a cuidar da sua população e o sofrimento foi muito menor, houve muito menos vítimas fatais do que aqui.

Ana Maria Ramalho: Um presidente que não entrou em nenhum hospital para bater no ombro de alguma mãe que tivesse perdido o filho? É surreal isso. E o povo morrendo e não está vendo nem classe social, porque as pessoas estão morrendo em várias classes, em várias idades e a banda segue. E essa história da taxaço do livro?

Arnaldo Niskier: Fiz um programa, na semana passada, no canal Futura, com o acadêmico e poeta Antonio Carlos Secchin e falei sobre isso. Vou repetir o que foi um argumento meu e dele: “É um verdadeiro absurdo que se comete contra a cultura brasileira taxar o livro na reforma tributária.” Se essa reforma tributária já é controversa, já tem muita gente contra, eles conseguem quase o milagre da unanimidade. Agora entra toda a faixa cultural do país contra a reforma, porque cobrar um imposto sobre o livro, ou seja, criar 20% a mais de custo em cada livro adquirido é uma aberração. Não posso dizer outra coisa, não faz o menor sentido.

Ana Maria Ramalho: E numa hora dessa, num momento em que as editoras e os escritores estão no sufoco.

Arnaldo Niskier: As livrarias estão fechando. Estávamos acostumados à Livraria Saraiva, imensa. Em vez de facilitarem o caminho para que essas coisas sejam superadas, eles estão criando complicações que levarão fatalmente, de certa maneira, a sacrificar a indústria do livro. Livro é uma paixão, é verdade, é uma paixão.

Ana Maria Ramalho: Dá tristeza olhar isso tudo, que é uma coisa mundial, mas que aqui está sendo muito pior.

Arnaldo Niskier: Por causa dos descuidos e da falta de previsibilidade. Não houve uma previsão correta do momento de agir. O governo até hoje ainda

está remançando, fazendo coisas que são verdadeiros absurdos. Você falou do João Cabral de Melo Neto, de quem fui colega na Academia Brasileira de Letras, e tinha uma admiração especial por ele, porque, como eu, era torcedor do América Futebol Clube. Estou aqui com o poema que li outro dia, você quer que leia?

Ana Maria Ramalho: Quero, todo mundo quer que você leia.

Arnaldo Niskier: *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto:

— O meu nome é Severino, vivendo na mesma serra
não tenho outro de pia. magra e ossuda em que eu
Como há muitos Severinos, vivia.
que é santo de romaria, [...] — E foi morrida essa morte,
deram então de me chamar Severino de Maria; irmãos das almas,
[...] essa foi morte morrida
se ao menos mais cinco ou foi matada?
havia — Até que não foi morrida,
com nome de Severino irmão das almas,
filhos de tantas Marias esta foi morte matada,
mulheres de outros tantos, numa emboscada”.
já finados, Zacarias,

O Brasil tem autores extraordinários, como a Clarice Lispector...

Ana Maria Ramalho: Nélida Piñon, Lygia Fagundes Telles, pessoas maravilhosas...

Arnaldo Niskier: Elas seguem a trilha aberta pela Rachel de Queiroz, que foi a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras.

Ana Maria Ramalho: A Rachel andou escrevendo para a *Manchete*?

Arnaldo Niskier: Ela foi colaboradora do *O Cruzeiro*, na última página. Fui intermediário, a pedido do Adolpho Bloch, de uma cantada na Rachel de Queiroz para que ela viesse para a *Manchete*, e a convidei para um almoço. Ela foi ao almoço, lá no Russel, com o Adolpho, com o Justino Martins, o diretor da revista. Mas não aceitou.

Ana Maria Ramalho: Os almoços do Russel eram épicos.

Arnaldo Niskier: O Murilo Melo Filho, que faleceu há pouco, dizia que a *Manchete* era um restaurante que editava revistas.

Ana Maria Ramalho: Aquele prédio lindo, maravilhoso, cheio de obras de arte...

Arnaldo Niskier: Você trabalhou na *Pais & Filhos*?

Ana Maria Ramalho: E na *Manchete*.

Arnaldo Niskier: Na *Manchete* também, inclusive comigo. Eu era chefe de reportagem e você, repórter.

Ana Maria Ramalho: Exatamente. Eu e a Rosa Freire d’Aguiar, a Rosa Furtado...

Arnaldo Niskier: Tive o privilégio de votar no Celso Furtado para a Academia. Ele precisava de vinte votos e teve vinte votos. Cada voto foi precioso. O Roberto Campos também...

Ana Maria Ramalho: Duas cabeças notáveis, um de direita e outro de esquerda.

Arnaldo Niskier: Muita gente não queria o Roberto Campos. A Rachel de Queiroz era cabo eleitoral do Roberto Campos e me pediu: “Você, como meu afilhado, não vai falhar comigo. Preciso que você vote no Roberto Campos.” Evidente que obedeci e ele teve os vinte votos necessários.

Ana Maria Ramalho: E ele, de qualquer maneira, era um vulto, um homem de extrema inteligência, escreveu o livro *Lanterna na Popa*...

Arnaldo Niskier: Sabe o que fiz para completar a gentileza com a Rachel de Queiroz? Surgiu uma vaga na diretoria da Academia Brasileira de Letras, eu era o presidente, e convidei o Roberto Campos para entrar como secretário da Academia. Ele aceitou e ficou orgulhoso de dizer que fazia parte da diretoria da Academia Brasileira de Letras.

Ana Maria Ramalho: Mas quem é que resiste aos seus convites? Você, se não tivesse sido jornalista, educador, deveria ter sido diplomata. Você conseguiu passar naquela Bloch onde vivi alguns anos, aquilo era um hospício, as pessoas eram loucas. O Jaqueto

era mau, o Oscar brigando com Adolpho, o Adolpho comendo *slides*, era um hospício aquilo.

Arnaldo Niskier: “Cromofagia.” Adolpho criou a palavra. Quando não gostava de uma foto colorida, mordida, arrancava a metade com os dentes que tinha, não eram todos, faltavam alguns.

Ana Maria Ramalho: Você ficava ali de algodão, nos cristais, amparando as arestas... Hoje estava relendo seu livro sobre a *Manchete*, adorei a história do repórter que você conseguiu livrar da demissão por causa do bigode. Conte essa história.

Arnaldo Niskier: Morreu há pouco nosso querido Fernando Pinto, foi um dos melhores repórteres da *Manchete*. Ele vivia os últimos anos em Brasília. Estive com ele algumas vezes. Foi, mandado por mim, para o Espírito Santo fazer uma reportagem com Domingos Cavalcante, fotógrafo, sobre as areias monazíticas. Dois dias depois, o Domingos me telefonou e disse: “Olhe, professor, vamos voltar.” Eu falei: “Que tal a matéria?”. Ele respondeu: “Não fizemos. O Fernando Pinto foi jogar no cassino, perdeu todo dinheiro e tivemos que voltar, porque não tinha como ficar.” Então, questione: “Vocês voltam sem a matéria?” Ele disse: “Sem a matéria.” Tinha que dizer ao Jaquito que eles estavam voltando sem a matéria, porque o Fernando foi jogar e perdeu. Aí o Jaquito demitiu o Fernando Pinto, que foi para o departamento pessoal para acertar as contas. Quando estava voltando (lá na Frei Caneca, 511 ainda), encontrou o Adolpho Bloch, no meio das máquinas, que disse: “Oi, Fernando, tudo bem?” Ele respondeu: “Não, tudo mal. O senhor Jaquito me mandou embora.” Aí ele explicou. O Adolpho disse assim: “Você jogou no preto 17?” Fernando respondeu: “Não, seu Adolpho.” E Adolpho falou: “Então foi por isso que você perdeu. Volta lá, se apresente ao Arnaldo e diz que mandei você voltar. Nunca mais viaje e deixa de jogar no preto 17.”

Ana Maria Ramalho: E assim ele ficou lá.

Arnaldo Niskier: Ficou anos. Ele era o melhor repórter da *Manchete*, na ocasião.

Ana Maria Ramalho: Tem outra história ótima que você conta de um repórter que fez alguma coisa e o Jaquito disse: “Demite.” O rapaz usava um bigode.

Arnaldo Niskier: Chamei o rapaz, era fotógrafo, e perguntei: “Você ama esse bigode?” Ele falou: “Não, deixei por comodismo.” Eu disse: “Então, vai lá no Robertinho (que era o barbeiro) e raspa esse bigode, porque assim ele não vai reconhecer você.” Não deu outra. O Jaquito passava por mim e perguntava: “Mandou embora aquele bigodudo?” Eu respondia: “Mandei embora, claro, não tem mais bigodudo.” E assim uma das histórias, como temos tantas outras, como a do Ronaldo Bôscoli. Ronaldo era muito meu amigo.

Ana Maria Ramalho: Uma figura, muito inteligente.

Arnaldo Niskier: Ele mandava alguém colocar o paletó na cadeira dele e não vinha. O Adolpho dizia: “Arnaldo, cadê o Bôscoli?” Eu falava: “Olha, o paletó dele está aí, deve estar por perto.” Aí o Adolpho acalmava, mas ele não tinha vindo.

Ana Maria Ramalho: Outro que toda hora vinha e voltava era João Luiz Albuquerque.

Arnaldo Niskier: Também, mais recente.

Ana Maria Ramalho: Ele e Adolpho brigavam, aí João Luiz viajava, ia para a Guatemala com a Elba e voltava. Era muito louca aquela casa.

Arnaldo Niskier: Uma equipe extraordinária.

Ana Maria Ramalho: A revista podia ter o melhor texto do mundo, mas, se não tivesse a foto que combinasse com aquilo, não saía.

Arnaldo Niskier: A *Manchete* queria imitar o *Paris Match*, que era fundamentalmente fotográfico. Há pouco, um ou dois meses, faleceu o Gervásio Baptista...

Ana Maria Ramalho: E a Martha Rocha. Você conta no livro uma história maravilhosa dos dois. Gervásio foi um grande fotógrafo, não se tinha acesso ao casamento da Martha Rocha com Álvaro Piano, em Buenos Aires...

Arnaldo Niskier: A família não queria fotografia do casamento. Eu disse: “Olhe, Gervásio, você vai e se vira lá.” O Gervásio malandro, baiano, esperto, perguntou onde era a igreja. Localizou e viu que tinha uma obra ao lado da igreja. Entrou na obra, subiu nos andaimes, olhou, deu para ver o interior da igreja e ficou lá esperando o momento. Na hora certa, quando a cerimônia começou, se atirou lá de cima com máquina já assestada. Quando desceu e foram para cima dele, ele fez três fotografias do casamento da Martha Rocha com Álvaro Piano. Chegou a polícia, ele tirou do bolso um filme virgem e entregou. O que estava na máquina continuou na máquina. Gervásio viajou, chegou na segunda-feira de manhã, era dia de fechamento. Revelamos o filme e tinha lá a foto da Martha Rocha com o Álvaro Piano. A única revista do mundo que deu a foto do casamento.

Ana Maria Ramalho: E ela era linda, tinha acabado de ser eleita. A revista era um espetáculo. Temos que fazer justiça. Ficávamos loucos lá dentro, mas a revista era um espetáculo. Tinha um corpo de redatores que poucos lugares tiveram. Tudo imortal. Você, Cony, Raymundo Magalhães Júnior.

Arnaldo Niskier: Sabe como o Cony foi contratado?

Ana Maria Ramalho: Conte.

Arnaldo Niskier: Eu estava com a Ruth, em Teresópolis, numa casa alugada à filha do José Lins do Rego, Betinha, que era namorada do Cony. Ela trouxe o Cony para nos visitar, no Teresópolis Country Club, hoje, infelizmente, está transformado, vai ser conjunto residencial, uma pena. Perguntei ao Cony, além do *Correio da Manhã*, onde ele brilhava com uns artigos, cada um mais forte do que o outro, criticando a Revolução e os seus homens, seus líderes: “Cony, o que você está fazendo?” Ele respondeu: “Nada.” Então, falei: “Por que você não vem trabalhar na *Manchete*?” Ele disse que nunca havia sido convidado. Na segunda-feira, fui ao Adolpho, contei a história do Cony. O Adolpho sabia quem era o Cony e lia o *Correio da Manhã*, sabia que não ia agradar muito aos poderosos chamando o Cony para perto dele, mas fez. O Adolpho sempre foi um homem corajoso.

Ana Maria Ramalho: Sempre, sempre. Isso ninguém pode tirar dele e era amigo dos amigos.

Arnaldo Niskier: Temos que ter muito respeito pela memória dele. Contratou o Cony, que se tornou, por circunstâncias do destino, um dos melhores amigos da minha vida. Escreveu coisas muito bonitas em relação ao que fiz em termos universitários...

Ana Maria Ramalho: Foi um grande romancista, uma bela pessoa.

Arnaldo Niskier: Aquele *Quase Memória* do Cony é antológico, extraordinário. Ele, quando morreu, me fez muita falta, como o Murilo Melo Filho, meu querido compadre, padrinho da minha filha Sandra, enfim, é a vida.

Ana Maria Ramalho: Raymundo Magalhães Júnior, que também era imortal. Morreu atropelado?

Arnaldo Niskier: Na Praia do Flamengo. Quando ele morreu, achei que prestaria uma homenagem à memória dele se me candidatasse à Academia na vaga do Raymundo, porque um dos grandes momentos da Academia é o discurso de posse. Sei que faria um muito bonito sobre o R. Magalhães Júnior. Fui falar com o Athayde, que me olhou e falou: “Você está pensando que isso aqui tem direito de propriedade? A *Manchete* não é dona dessa vaga. Esquece.” Ele já tinha outro candidato. Uns seis meses depois, me liga o Austregésilo de Athayde: “Arnaldo, aqui é o Athayde. É a sua hora. Morreu o Peregrino Júnior, agora você pode se candidatar que é a sua vez.” Olha que coisa bacana! Me candidatei e venci.

Ana Maria Ramalho: Muito moço você era, quando entrou para a Academia. Quantos anos tinha?

Arnaldo Niskier: Tinha 46 anos, era o mais moço a época. Já estou há 34 anos na Academia, sou o vice-decano, o decano é o José Sarney, o mais antigo. Em segundo lugar, estou eu e, em terceiro lugar, o Marcos Vilaça.

Ana Maria Ramalho: Tenho um nome, endossado por Nélida Piñon, aqui, falo publicamente, que é Haroldo Costa, para uma próxima vaga.

Arnaldo Niskier: O grande Haroldo.

Ana Maria Ramalho: Grande Haroldo Costa, honra e glória desse Brasil, ele merece ser imortal.

Arnaldo Niskier: Merece. Há espaço para mais negros na Academia.

Ana Maria Ramalho: Existe muito falatório. É negro, e daí? Você é judeu, o outro é branco e tal, tudo bem. Conceição Evaristo começou a reclamar... Haroldo Costa e Martinho da Vila são dois nomes imbatíveis.

Arnaldo Niskier: O Martinho é muito meu amigo.

Ana Maria Ramalho: Independente de cor, de credo, tem que parar com essa besteira. Haroldo Costa é imortal. É pesquisador, escritor, é um homem que tem vários livros publicados, é um intelectual e é também ator. Acho Haroldo o máximo de tudo, é meu candidato.

Arnaldo Niskier: Fez *Orfeu da Conceição* no Teatro República. Ele era cunhado do Ronaldo Bôscoli. O Ronaldo namorava uma das irmãs Marinho.

Ana Maria Ramalho: O Sérgio Porto escrevia na coluna dele na *Última Hora* assim: “As irmãs Marinho. Favor, não confundir com os irmãos Marinho.” Uma delas é casada com o Lan, o caricaturista.

Arnaldo Niskier: Tive grande prazer em saber que você foi liderada pelo José Itamar de Freitas. José Itamar foi grande diretor da *Pais & Filhos*, dirigiu *Enciclopédia Bloch* e foi diretor do *Fantástico*. Se estivesse vivo, até hoje estaria dirigindo o programa, porque o modelo do *Fantástico*, que é jornalisticamente extraordinário, foi todo produzido pelo talento dele. Ele era do interior do Estado do Rio, Miracema, mesma terra da Maria Alice Barroso, também torcedora do América, dou muito valor a esse aspecto...

Ana Maria Ramalho: Também quero falar aqui que você foi secretário em dois governos diferentes. Foi secretário de Ciência e Tecnologia no governo Negrão de Lima, quando construiu o Planetário da Gávea...

Arnaldo Niskier: Foi, saiu da minha cabeça.

Ana Maria Ramalho: E depois foi secretário de Educação e Cultura do governo Chagas Freitas. Imagino como deve sofrer mais que todo mundo vendo esse esculacho...

Arnaldo Niskier: O Dr. Chagas, entre outros méritos, mandou mexer no orçamento da Educação, isso que é a cabeça do dirigente. A obrigação legal era dar 25% para a Educação. Ele mandava dar 33% e, com isso, pude construir 88 escolas, em quatro anos. Nunca mais ninguém fez nada nem parecido. É a homenagem que se deve prestar ao homem público Chagas Freitas. Não era um tipo muito simpático, mas era um realizador de primeira ordem e não se ouvia falar em corrupção naquela época.

Ana Maria Ramalho: Não sei como essa gente não tem medo. Você tirar da saúde, roubar da população pobre. Aquele Sérgio Cabral já fez isso. Agora é pior, porque, no meio de uma pandemia, você desviar milhões e milhões, que poderiam estar socorrendo as pessoas pobres, que moram em comunidades carentes, que precisam de tudo. Nós que estamos de fora não sabemos como é que funciona e ficamos aborrecidos, mas você deve ficar dez vezes mais, porque conhece o mecanismo, os meandros.

Arnaldo Niskier: Com um detalhe: fui secretário de Estado quatro vezes. Depois fui secretário de Educação mais nove meses e secretário de Cultura dois anos e meio. É uma experiência que pouca gente tem. Fui o mais jovem catedrático no Brasil. Então, essas recordações me levaram a fazer 85 artigos para o livro *Memórias da Quarentena*. Recordei algumas dessas coisas, mas recordei também alguns dos filósofos com os quais pude trabalhar, ao longo das minhas aulas: Sócrates, Platão, Aristóteles, Camus, Descartes e por aí vai. Acho que quem tem gosto pelo tema, quem gosta de educação, quem gosta de filosofia, vai gostar do livro.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

Doação de livros para a ABL

“Os livros são abelhas que levam o pólen de uma inteligência a outra”, afirmava o poeta romântico americano James Lowell (1819-1891).

A frase acima nos remete aos colecionadores de livros Ivani e Jorge Yunes, que passaram a vida semeando sabedoria. O casal formou um grande conjunto de obras de arte e livros, atualmente conservada na “Sede Groenlândia”, em São Paulo. Parte da Coleção CIJY, que inclui uma biblioteca composta por mais de 10.000 livros, jornais e revistas dos séculos XIX e XX, acaba de ser doada à Academia Brasileira de Letras (ABL).

Acervo importantíssimo, com sistemático processo de levantamento e pesquisa, oferece um panorama essencial da cultura brasileira. A biblioteca e a hemeroteca contêm tanto obras para os pesquisadores, quanto um grande conjunto de livros, jornais e revistas raros. Parte deste acervo tem origem bem definida: a extraordinária aquisição que Jorge Yunes fez das bibliotecas e das hemerotecas de Erich Werner Gemeinder e Oscar Mendes, ambos bibliófilos e pesquisadores ativos no Brasil, durante as décadas de 1950 a 1970.

Jorge Yunes foi fundador e presidente do IBEP – Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, uma das maiores casas editoras de livros didá-

ticos, herdeira da Companhia Editora Nacional (criada em 1925 por Monteiro Lobato), e com capital 100% brasileiro. Erich Werner Gemeinder era membro da Academia de Letras do Estado do Rio Grande do Norte e da Confraria dos Bibliófilos em Brasília; faleceu em 2010. Oscar Mendes (1902-1983) era membro da Academia Mineira de Letras e da Associação Nacional de Escritores.

Dentre os livros da sede Groenlândia, 95% são de literatura brasileira; os restantes 5% pertencem às áreas de História, Filosofia e outras Ciências Humanas. A maior parte foi publicada no século XX, mas há edições do século XIX. Cerca de 70% correspondem a livros encadernados, e 30% são brochuras originais. Quanto à conservação, pode-se dizer que 99% encontram-se em ótimo estado, e apenas 1% necessita intervenções de estabilização (brochuras).

Os jornais e revistas da “Sede Groenlândia” também estão em excelente estado de conservação. Um dos conjuntos se originou da biblioteca de Erich Werner Gemeinder e é completamente dedicado à literatura e cultura. Todas (100%) são edições brasileiras. O outro conjunto foi adquirido do bibliófilo Oscar Mendes e apresenta maior amplitude de temas, embora todos pertençam à área de Ciências Humanas (Pedagogia, Psicologia etc). Cerca de 70% são títulos brasileiros e 30% estrangeiros.

As coleções, juntas, traçam um amplo panorama da literatura de sua época, incluindo pequenas joias e títulos raramente encontrados em quaisquer bibliotecas.

A Coleção Ivani e Jorge Yunes irá somar-se ao rico acervo da Academia Brasileira de Letras, alinhando-se a outras doações privadas que podem ser consultadas pelo público e por pesquisadores na Biblioteca Lúcio de Mendonça e na Biblioteca Rodolfo Garcia, da ABL.

Entrevista com a velha professora

Por Raquel Naveira*

A jornalista chegou cedo, com o bloco de anotações, a caneta, o celular. Eu já a esperava entre meus livros e lembranças. Ela entrou e disse:

– Fui sua aluna. Éramos tão jovens, despreparados...

– Perdemos a juventude. Hoje tenho certeza de que nada sei. Descobri minha progressiva ignorância.

Ela se sentiu um pouco constrangida:

– A senhora me marcou, inspirou-me. Suas aulas. O jeito como conduzia nossos sonhos. Quando levei aquela televisão de papelão e apresentei o jornal de notícias, falou que eu poderia ser jornalista um dia e... acreditei.

– Você tinha talento. Era prata na mina. Diamante bruto. Que bom que lhe dei asas! Fui pedra de amolar para muita gente, como explicou o Horácio da Roma Antiga, em sua *Arte Póetica*: não cortava, mas servia para afiar.

– Nesse dia do professor, pensa que poderia ter escolhido outro ofício?

– Impossível. Poeta e professora. O meu interesse pelos livros, pelos escritores, transformou-se numa vocação de magistério. Sou da estirpe de poetisas educadoras, que se dedicaram ao ensino. Como a carioca Cecília Meireles, criadora da primeira Biblioteca Infantil, em Botafogo. A goiana Cora Coralina, professora de resistência, com sua postura rude, pedagógica, sábia. Ela que escreveu um poema em homenagem àquela que a alfabetizou, a mestra Silvina. E Gabriela Mistral, a poeta chilena, que me encantou com sua oração, em que pedia ao Divino Mestre que lhe desse o ser mãe mais dos que as mães, para poder amar e defender como elas o que não era carne de sua carne. Tenho em mente uma escola que foi a minha própria vida. Um lugar para o despertar.

Passa os olhos pelas estantes:

– O que está lendo?

– Reli um livro de contos do Machado de Assis, sempre ele. Nosso

maior escritor. Gosto do conto “Cantiga de Esponsais”. É a história de um velho professor de música, o Mestre Romão Pires. Passa-se no ano de 1813, na Igreja do Carmo, onde acontece uma missa cantada. Mestre Romão rege a orquestra com paixão, devoção mesmo. Depois volta para sua casa humilde, sombria. Tem um sonho secreto: gostaria de ser um compositor, de comunicar seu mundo interior, pois trazia dentro de si tantas óperas e harmonias. Sua funda tristeza era não conseguir compor. Ficava horas interrogando inutilmente as teclas do cravo. Se pudesse acabar ao menos uma peça, um cântico conjugal que começara a compor três dias depois de casado. Sua mulher tinha 21 anos e morreu aos 23. Amavam-se. Quando ela partiu, fixou num papel algumas notas musicais, a sensação de sua felicidade extinta. Resolveu então terminar a música. Viu pela janela dois casadinhos de mãos dadas. A moça começou a cantarolar a melodia que ele sonhara. Nesse momento, abaixou a cabeça e expirou.

– Lindo e triste!

– A melancolia é a porta da beleza. Há vocações que têm língua e as que não têm. Dei aulas para escrever e escrevi sempre. Coisas que fizeram sentido para mim.

– E seu futuro?

– Resta-me o agora. Melhor não me apegar a ilusões. Tudo entardece.

– É feliz?

– Não creio em felicidade. Tenho alegria, força, bom ânimo e escrevo.

– E os amigos?

– Há os que foram meus alunos como você. A moça de uma antiga biblioteca que me atende com carinho, cartas e mensagens que insistem em chegar pelo correio. O carteiro é o amigo do poeta, já dizia Neruda.

– Sua saúde?

– Não posso tomar café depois das cinco, nem carregar peso. Puxo um pouco a perna esquerda.

– Vejo que lá fora há um pequeno jardim com orquídeas no tronco da amoreira. Costuma ficar lá?

– Gosto de observar os astros.

– O que está escrevendo no momento?

– Poemas. O livro se chamará *Luas de Saturno* e o dedicarei a Saturno, o titã do tempo e ao planeta. Por enquanto, está maturando na gaveta.

Minha aluna jornalista se levantou. Abraçamo-nos. Eu a levei até o jardim para a despedida. Os anéis de Saturno já brilhavam àquela hora.

*Raquel Naveira é da Academia Sul-matogrossense de Letras.

Um mestre que marcou a vida

Por Edmilson Caminha

Estudei no antigo Ginásio (hoje Colégio) 7 de setembro, em Fortaleza, durante cinco anos, da então quinta série primária à quarta ginásial. Cinco anos que me marcaram fundo, pela presença inesquecível do seu diretor, Edilson Brasil Soárez (1914-1975). Assim também dirá, estou certo, quem teve o privilégio de passar por suas mãos de mestre. Nos dias de hoje, em que a educação foi criminosamente rebaixada a um negócio como outro qualquer; em que se comprimem cem alunos numa sala para arremedos de aula; em que todo capitalista mais sabido se julga habilitado para dirigir um colégio, dá pena reconhecer que professores como Dr. Edilson são uma espécie a caminho da extinção.

Naquela época, ele entendia o processo educativo como demasiadamente amplo para se restringir aos estreitos limites da sala de aula. E o grêmio literário era uma verdadeira escola de civilidade, de desinibição, de liderança e de democracia – as eleições para a presidência, sempre diretas, eram concorridíssimas. Lembro-me de que, orador da diretoria, levei certa vez ao colégio ninguém menos que Luiz Gonzaga, o “Rei do Baião”, que começou por me apelidar de “Carrapicho”, tal a insistência com que o perseguira para que cantasse na nossa matinal às quartas-feiras (de graça, além do mais...).

Havia, também, o Clube Pan-Americano Barão do Rio Branco, que nos desenvolvia o espírito de solidariedade para com os povos do continente. Ainda hoje me sinto afetivamente ligado ao Paraguai, sobre que muito aprendi como seu delegado junto à nossa pequena Organização dos Estados Americanos (OEA). A assistência à comunidade era prestada pelo

grupo escoteiro do colégio – um dos maiores e mais atuantes do Ceará – e pelo Interact Club, subsidiário do Rotary. Por trás de tudo isso, a figura inquieta do Dr. Edilson – com seu tique de ajeitar a gravata e virar o pescoço –, cujo entusiasmo juvenil nos contagiava a todos.

Candidatos ao Exame de Admissão ao Ginásio, jamais nos esqueceremos dos seus famosos “concursos de ditado”. Espalhados pelo auditório, folha de papel almaço sobre a carteira, aguardávamos ansiosos que abrisse o *Cazuza*, de Viriato Correia, e desse início à maratona. O critério de correção já conhecíamos: um ponto a menos por cada erro. Hoje, a “escola moderna” condena o ditado e a cópia como coisas ultrapassadas – e o que vemos são alunos grafando palavras elementares da maneira mais estapafúrdia possível.

A verdade é que agradar pais e alunos não estava mesmo entre as preocupações daquele professor. Bem conforme o perfil – verdadeira profissão de fé – por ele mesmo traçado no banquete que marcou, em 1960, o jubileu de prata do Ginásio: “Um diretor de colégio tem de reunir em si qualidades as mais variegadas e multiformes. Tem de possuir, em si, ao mesmo tempo intuição de psicólogo e de pedagogo, de pai e de juiz, de um Jó e um Salomão, de sacerdote e de diplomata, um pouquinho de ditador e uma boa parcela de paciente genitora.” Para concluir depois, não sem uma ponta de mágoa: “De um diretor nada se dispensa. Uma palavra mais apressada, um ato mais precipitado, anulam anos de possível lhanza ou cavalheirismo. Nessas oportunidades tudo se olvida, nada se agradece, embora que, possivelmente, com o perpassar dos anos, se possa fazer justiça.”

Esse, o Dr. Edilson que conheci, de quem ainda hoje guardo, com orgulho, um livro que dele recebi em 1965, *Os Grandes Homens da Ciência*, de Grove Wilson, com a dedicatória que me envaidece: “Prêmio conferido ao aluno Edmilson Caminha pela sua brilhante participação no concurso promovido pelo Departamento de Trânsito, em que representou o Ginásio 7 de Setembro.” O privilégio de dever-lhe tanto marcou-me a vida para sempre, pela generosidade humana e pela vocação de educador com que nos deu um inesquecível exemplo de retidão moral e de conduta ética. Em recompensa, só posso oferecer-lhe *gratidão*, “essa palavra-tudo”, como escreveu Carlos Drummond de Andrade.

Toda teoRIA
tem um LaDO
PRático.
ESTÁGIO
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

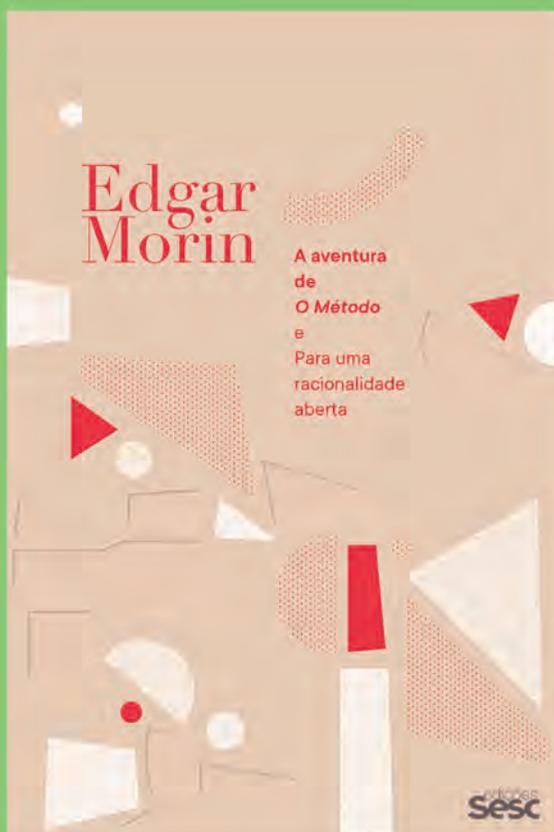
INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



Um pensador humanista



A AVENTURA DE *O MÉTODO* e Para uma racionalidade aberta

O filósofo francês Edgar Morin percorre a própria trajetória e nesse caminho permite ao leitor compreender de que modo as questões essenciais de sua vida – “o que posso saber?”; “o que devo fazer?”; e “o que posso esperar?” – nortearam sua filosofia.

Integra este volume o texto fundamental “Por uma racionalidade aberta”, previsto no conjunto de proposições do autor, mas até então inédito.



COLEÇÃO DIÁRIOS DE EDGAR MORIN

Um homem comum, que se emociona e se indigna ante as situações com as quais se depara em seu cotidiano. Essa é a impressão causada pela leitura dos diários de Edgar Morin.

Diário da Califórnia, Um ano Sísifo e Chorar, amar, rir, compreender revelam um pensador humanista, questionador e curioso, sempre disposto a redescobrir formas de se ver e estar no mundo.